

MÓDULO 1



Introdução à História

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ABERTA E À DISTÂNCIA - IEDA**

Conteúdos

Acerca deste Módulo	2
Lição 1	5
Lição 2	11
Lição 3	17
Lição 4	25
Lição 5	30
Lição 6	37
Lição 7	43
Lição 8	49
Lição 9	57
Lição 10	65
Lição 11	71
Lição 12	76
Lição 13	83
Lição 14	89
Lição 15	95
Soluções	101
Teste Preparação de Final de Módulo 1	106

Acerca deste Módulo

MÓDULO 1

Como Está Estruturado Este Módulo

A visão geral do curso

Este curso está dividido por módulos autoinstrucionais, ou seja, que vão ser o seu professor em casa, no trabalho, na machamba, enfim, onde quer que você deseja estudar.

Este curso é apropriado para você que já concluiu a 7ª classe mas vive longe de uma escola onde possa frequentar a 8ª, 9ª e 10ª classe, ou está a trabalhar e à noite não tem uma escola próxima onde possa continuar os seus estudos, ou simplesmente gosta de ser auto didacta e é bom estudar a distância.

Neste curso a distância não fazemos a distinção entre a 8ª, 9ª e 10ª classe. Por isso, logo que terminar os módulos da disciplina estará preparado para realizar o exame nacional da 10ª classe.

O tempo para concluir os módulos vai depender do seu empenho no auto estudo, por isso esperamos que consiga concluir com todos os módulos o mais rápido possível, pois temos a certeza de que não vai necessitar de um ano inteiro para concluí-los.

Ao longo do seu estudo vai encontrar as actividades que resolvemos em conjunto consigo e seguidamente encontrará a avaliação que serve para ver se percebeu bem a matéria que acaba de aprender. Porém, para saber se resolveu ou respondeu correctamente às questões colocadas, temos as respostas no final do seu módulo para que possa avaliar o seu despenho. Mas se após comparar as suas respostas com as que encontrar no final do módulo, tem sempre a possibilidade de consultar o seu tutor no Centro de Apoio e Aprendizagem – CAA e discutir com ele as suas dúvidas.

No Centro de Apoio e Aprendizagem, também poderá contar com a discussão das suas dúvidas com outros colegas de estudo que possam ter as mesmas dúvidas que as suas ou mesmo dúvidas bem diferentes que não tenha achado durante o seu estudo mas que também ainda tem.

Conteúdo do Módulo

Cada Módulo está subdividido em Lições. Cada Lição inclui:

Título da lição.

Uma introdução aos conteúdos da lição.

Objectivos da lição.

Conteúdo principal da lição com uma variedade de actividades de aprendizagem.

Resumo da unidade.

Actividades cujo objectivo é a resolução conjunta consigo estimado aluno, para que veja como deve aplicar os conhecimentos que acaba de adquirir.

Avaliações cujo objectivo é de avaliar o seu progresso durante o estudo.

Teste de preparação de Final de Módulo. Esta avaliação serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA.

Habilidades de Aprendizagem



Estudar à distância é muito diferente de ir a escola pois quando vamos a escola temos uma hora certa para assistir as aulas ou seja para estudar. Mas no ensino a distância, nós é que devemos planejar o nosso tempo de estudo porque o nosso professor é este módulo e ele está sempre muito bem-disposto para nos ensinar a qualquer momento. Lembre-se sempre que “ **o livro é o melhor amigo do homem**”. Por isso, sempre que achar que a matéria esta a ser difícil de perceber, não desanime, tente parar um pouco, reflectir melhor ou mesmo procurar a ajuda de um tutor ou colega de estudo, que vai ver que irá superar toas as suas dificuldades.

Para estudar a distância é muito importante que planeie o seu tempo de estudo de acordo com a sua ocupação diária e o meio ambiente em que vive.

Necessita de Ajuda?



Ajuda

Sempre que tiver dificuldades que mesmo após discutir com colegas ou amigos achar que não está muito claro, não tenha receio de procurar o seu tutor no CAA, que ele vai lhe ajudar a supera-las. No CAA também vai dispor de outros meios como livros, gramáticas, mapas, etc., que lhe vão auxiliar no seu estudo.

Lição 1

O Conceito de História

Introdução

Caro aluno, esta é a primeira lição do seu primeiro módulo de História na 11ª classe.

Nesta lição, você, estudará o conceito de História seu objecto de estudo, sujeito do conhecimento entre outros. Esperamos que além de proporcionar esses elementos úteis ao estudo desta disciplina, esta lição comece já a despertar o seu interesse por esta ciência social, que é a História.

Bom estudo!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Definir* o conceito de história.
- *Definir* alguns conceitos inerentes a história.
- *Caracterizar* as primeiras formas de literatura histórica.

O Conceito de História

O que é a História?

Para uma melhor ideia de o que é a História vejamos algumas definições mais actuais de História, enunciadas por alguns dos autores mais conceituados do século XX.

“Social por definição, a História é o estudo feito cientificamente das diversas actividades e criações dos homens de outros tempos, considerados numa época determinada e dentro do quadro de sociedades extremamente variadas, (...)” Luciem Fbvre, Combates pela História.

“A História é a ciência dos homens no tempo.” Marc Bloch.

Se fôssemos para outros autores encontraríamos mais e mais definições, todas elas diferentes... mas com algo em comum. Portanto um aspecto que marca os esforços para a definição de História é a variedade de possibilidades que se colocam.

Portanto, mais do que um enunciado de definição de História imutável, importa notar que ela pode ser definida das mais variadas maneiras, porém qualquer das definições deverá fazer referência ao facto de a mesma ser uma ciência que se ocupa do estudo do homem (melhor dos homens) no tempo e (também) no espaço.

Caixa do tutor

Tempo e Espaço são as dimensões essenciais da história.

conselhos.

Em relação à História ocorreu numa determinada fase de evolução. Ora bem, esta percepção científica sobre o Tempo e Espaço é a que hoje domina, em geral, o pensamento histórico, mas nem sempre a História foi assim entendida.

A busca de informações sobre o passado dos homens não teve sempre carácter científico. A história como ciência, como a entendemos hoje, só surge no século XIX, após um longo período de aperfeiçoamento a nível das suas técnicas e meios de trabalho, das metodologias, acompanhando o desenvolvimento da própria sociedade.

Portanto a cada etapa de desenvolvimento da sociedade correspondeu uma forma própria de encarar e fazer história, ou seja um tipo de historiografia. Aliás isto é evidente, pois a maneira de pensar do Homem na Antiguidade é diferente da forma de pensar no século XXI; igualmente a ideia de história que se tinha na idade média é diferente daquela que existia no século XX.

É o mesmo que dizer que a história tem a sua própria história.

Por historiografia entende-se o conjunto de obras concernentes a um assunto histórico, produzidas numa determinada época ou local.

Quando se diz historiografia africana refere-se às obras escritas sobre a história de África, tanto por autores africanos como de outros continentes.

A historiografia envolve tudo o que foi escrito para dar informações sobre o passado humano como testemunhos. Integram esta literatura os relatos autobiográficos e memorialistas (da sociedade como um todo e não pessoais), a história oral (desde as tradições históricas transmitidas oralmente, até ao registo escrito ou por gravação de depoimentos orais de autores ou testemunhas de acontecimentos históricos).

O Objecto de estudo de uma ciência é aquilo com que se ocupa essa mesma ciência. Qualquer ciência tem um objecto de estudo.

No sentido mais amplo, a historiografia, inclui também trabalhos de metodologia, publicação de documentos, ensino de história e apreciação de obras literárias de teor histórico.

O Surgimento da História

Como deve saber, caro aluno, nem tudo o que sabemos e fazemos aprendemos formalmente, numa acção claramente definida para nos dar esse ensinamento, mas sim observando os mais velhos, ou ouvindo os seus processos idênticos. Durante milénios de existência humana,

enquanto não se conhecia a escrita, o passado foi sendo transmitido de geração em geração através da oralidade e da experiência.

O registo escrito do passado dos homens começou por volta do IV milénio a.n.e., quando surgiu a escrita.

Com a descoberta da escrita os sacerdotes começaram a fixar por escrito o passado religioso, que até aí era conservado e transmitido por via oral. De igual modo começaram a ser registadas as memórias dos antigos heroísmos guerreiros (a tradição épica).

Neste processo foram produzidas as primeiras formas de literatura histórica que se conhecem; as *cosmogonias* e *mitografias*.

"A história nasceu do mito como a filosofia e a ciência".

As cosmogonias

São os registos das primeiras tentativas, de explicação do universo. Essa explicação inclui tantos elementos naturais como sobrenaturais.

Leitura

Uma Cosmogonia

"1. Ao princípio era o mar primordial (...)

2. Este mar primordial produziu a montanha cósmica, composta do céu e da terra ainda unida.

3. Personificados e concebidos como Deus de forma humana, o céu, ou seja o Deus An, desempenhou o papel de macho e a terra isto é, Ki, o de fêmea. Da sua união nasceu o Deus do ar Enlil.

4. Enlil, o deus do ar, separou o Céu da terra e, enquanto seu pai, An, levava o céu, Enlil levava a terra, sua mãe. A união Enlil e sua mãe, a terra, foi a origem do universo organizado - a criação do homem, dos animais e das plantas e o estabelecimento da civilização".

(Kramer " A história começa na Suméria. In Introdução ao Pensamento Histórico, R.R.Gomes, Livros Horizonte, 1988, pp32)

As mitografias são narrações de factos com recurso a seres sobrenaturais.

Leitura

O mito de Osíris

O deus Osíris era um grande rei, que sucedera a seu pai, Geb (a terra); de parceria com a sua mulher, a deusa mágica Isis, ensinou os homens a agricultura, inventou o pão, o vinho e a cerveja (elementos essenciais da alimentação do povo Egípcio) revelou-lhes a metalurgia. Mas seu irmão tífo ou sete mata-o: afoga-o no Nilo, corta-o em pedaços, que espalha-os pelo canavial. Então Isis

procura-o, recolhe-o e reúne os membros esparços refaz o corpo (como múmia), e, usando da sua ciência mágica ressuscita Osiris, que viverá agora eternamente, mas no céu. Vingando-o, seu filho, o deus Horus, combate e vence sete, e sucede o seu pai no trono do Egipto. Dele recebe em herança este reino os reis humanos- os Faraós- que assim têm carácter divino.

O mito de Osiris

O deus Osiris era um grande rei, que sucedera a seu pai, Geb (a terra); de parceria com a sua mulher, a deusa mágica Isis, ensinou os homens a agricultura, inventou o pão, o vinho e a cerveja (elementos essenciais da alimentação do povo Egípcio) revelou-lhes a metalurgia. Mas seu irmão tifão ou sete mata-o: afoga-o no Nilo, corta-o em pedaços, que espalha-os pelo canavial. Então Isis procura-o, recolhe-o e reúne os membros esparsos refaz o corpo (como múmia), e, usando da sua ciência mágica ressuscita Osiris, que viverá agora eternamente, mas no céu. Vingando-o, seu filho, o deus Horus, combate e vence sete, e sucede o seu pai no trono do Egipto. Dele recebe em herança este reino os reis humanos- os Faraós- que assim têm carácter divino.

Com a produção das mitografias e das cosmogonias deu-se um passo importante na conservação das antigas ideias cosmogónicas e épicas, reduzindo-se o perigo de esquecimento ou deturpação.

A criação deste tipo de literatura não foi resultado de uma intenção clara de fazer história, mas sim da tentativa de explicar problemas com que a comunidade se debatia no seu quotidiano, tais como a sua origem, o destino para que caminha, o seu próprio presente, etc.

O objectivo da produção desta literatura era narrar os acontecimentos, com vista a transmitir para a posteridade e exaltar os nomes dos reis e dos Homens importantes e suas façanhas épicas.

As Características da Historiografia Oriental São, de Forma Resumida, as Seguintes

A Historiografia oriental é mítica e teocrática. A sua base são os mitos e as cosmologias e, portanto, o seu objecto de estudo eram os deuses e os homens importantes, considerados únicos responsáveis pela evolução da sociedade.

A literatura das mitografias e das cosmogonias orientais remete-nos a coisas que acontecem como obra de deuses ou de algum outro ser sobrenatural, ou ainda como obra dos reis.

Os fenómenos não têm explicação causal e não há preocupação pela verdade, nem pela objectividade.

Ora bem, será que os mitógrafos produziram uma verdadeira ciência histórica ao produzir esta literatura?

O que é a Ciência?

Caro aluno, como é que você definiria a Ciência? Feche o Módulo, agora, e tente elaborar uma definição sua de Ciência. Só depois disso é que vai conferir como é que nós a definimos.

A Ciência costuma ser definida como. “Conhecimento sistematizado sobre uma realidade concreta e com um objectivo bem definido”, por outras palavras só o conhecimento referente a um objecto concreto, adquirido metodicamente e que visa um fim concreto é que se considera científico.

Tendo em consideração o conceito de ciência atrás apresentada podemos concluir que a historiografia oriental não era científica, pois não estuda um objecto concreto mas a acção de seres sobrenaturais portanto não concretos. Por outro lado não usa um método próprio.

A partir da definição apresentada, podemos concluir que qualquer ciência estuda alguma coisa. Pois bem, a matéria que se estuda em ciência é o *objecto* de estudo. Portanto qualquer ciência tem um objecto de estudo.

Por outro lado o referido estudo é feito por sempre por alguém a quem se designa *sujeito* do conhecimento.

Agora voltemos ao assunto desta aula que é a história oriental.

Valerá então alguma coisa o estudo desta história antiga? Que valor ela tem no conjunto do conhecimento histórico?

Claro que vale a pena! Apesar de não ser uma verdadeira ciência, a produção deste tipo de literatura foi importante para o conhecimento da história do Oriente Antigo, pois nela aparecem informações úteis sobre a história daquela região, tais como listas de dinastias ou de reis, listas dos sacerdotes, inscrições comemorativas e biografias de homens importantes, etc.

Portanto o seu valor não é tanto como conhecimento, mas sobretudo como fonte de informação sobre o oriente antigo.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

História pode ser definida como a ciência dos Homens, e no espaço.

As primeiras formas de literatura histórica que se conhecem são as mitografias e as cosmogonias, que surgiram no oriente antigo a partir do surgimento da escrita. Este tipo de literatura deu corpo a história na sua fase inicial cujas principais características são a primazia dos deuses e homens como objecto de estudo, a ausência de análise crítica e de explicação causal dos fenómenos.

Agora que terminou o estudo da lição faça uma pequena revisão servindo-se das actividades propostas a seguir.

Actividades



Actividades

1. Faça corresponder os números às letras de modo a obter as definições correctas de cada conceito
2. A História oriental antiga não é científica mas tem algum valor.

Concorda com a afirmação justifique a sua resposta.

Respondeu correctamente? Confira com base no guia de correcção que te é apresentado!

Guia de Correção

1.

I. – D	IV. – B	VII. – A
II. – G	V. – E	
III. – C	VI. – F	

2. Sim concordo! De facto a História oriental não é científica pois não tem objecto concreto, não tem método próprio, mas tem valor na medida em que constitui fonte de informação sobre o oriente antigo.

Agora responda os exercícios seguintes questões para sua auto avaliação.

Avaliação



Avaliação

1. Tempo e espaço constituem as dimensões essenciais da História. Justifique a afirmação.
 2. As mitografias e cosmogonias foram as primeiras formas de literatura histórica que se conhecem.
 - Qual é a diferença entre estes dois tipos de literatura?
- a) Resolveu os exercícios todos? Ótimo pode consultar as respostas na parte final do módulo. Se acertou em todas pode passar para a lição seguinte. Se não conseguiu releia a lição e resolva novamente os exercícios.

Lição 2

Historiografia Grego-Romana

Introdução

Como acabamos de ver as origens da História são bastante remotas, porém é comum destacar-se a Grécia como o berço da História.

À partida isto pode parecer contraditório. Contudo faz sentido se considerarmos a história como uma ciência. De facto, contrariamente às primeiras formas de literatura históricas que não apresentavam nenhuma cientificidade, foram os gregos que durante a época clássica iniciaram uma abordagem científica da história, o que leva a considerar que a história como ciência surge apenas nesta época com os gregos.

Ao longo desta lição vai pois estudar o contributo dos gregos para a História, particularmente, o papel dos precursores desta disciplina científica.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- Caracterizar a historiografia na antiguidade.
- Relacionar o estabelecimento da democracia em Atenas como o surgimento da História
- Explicar o papel de Heródoto na cientificação da História
- Caracterizar a historiografia Grego-Romana.
- Mencionar os representantes da historiografia greco – romana.

A historiografia Grega e o Início da Cientificação da História

Até ao século V a.n.e., tal como em todo o oriente, também existiu na Grécia a abordagem mítica e teocrática da história. Dos vários mitos destacou-se o mito das cinco idades que considerava que a humanidade tinha passado por cinco etapas de evolução nomeadamente a idade do ouro, da prata, do bronze, dos heróis e do ferro.

Leitura

O mito das cinco idades

De ouro foi a primeira raça dos homens dotados de voz que os imortais criaram, eles que são habitantes de Olimpo (...) para eles tudo era perfeito: o solo fértil oferecia-lhes por si

frutos numerosos e abundantes; e eles contentes e tranquilos viviam da terra, no meio de bens inúmeros.

A segunda raça a vir, a de prata, bem pior que a anterior, fizeram-na os deuses que habitam no Olimpo. (...)

Zeus pai modelou ainda uma terceira raça de homens dotados de fala; a de bronze – (...)

Depois que a terra encobriu esta raça, Zeus Crónida modelou ainda a quarta (...)

Agora é a raça de ferro. Nem cessam de dia, de ter trabalhos e aflições, nem, de noite, de serem consumidos pelos duros cuidados que lhes oferecem os deuses. Mas no entanto, algum bem será misturado aos seus males, Zeus aniquilará também esta raça de homens dotados de voz

Hesíodo, “os trabalhos e os dias” In: R.R.Gomes, Introdução ao pensamento histórico Livros Horizonte, 1988, pp, 44/45

Pois bem, caro aluno, ao olharmos para esta abordagem sobre o passado e, de acordo com o conceito de ciência, vê que ela não tem carácter científico. A história como ciência só inicia na Grécia Clássica, quando Heródoto começou a fazer uma análise científica, definindo claramente um objecto concreto para a História e propondo-lhe uma metodologia própria. É o que nos leva a falar do surgimento da história na Grécia.

O progresso registado na História na época clássica não foi causal, mas inserido em toda a evolução intelectual registada na época, impulsionada pelo estabelecimento de um regime democrático em Atenas.

Veja então, caro aluno, como é que o surgimento da democracia ateniense favoreceu o surgimento da História na Grécia.

O Estabelecimento da Democracia e Seu Impacto

A partir do século VII antes da nossa era (a.n.e) a Grécia foi sacudida por revoltas sociais motivadas pelas crises sociais que se viviam, naquele país. Para tentar normalizar a situação interna foram propostas algumas reformas.

As primeiras iniciativas reformadoras couberam a Drácon e a Sólon, mas estas não foram tão radicais como esperavam as populações. Assim, novas convulsões populares se verificaram que só foram resolvidas pela instauração da Tirania com Pisístrato no poder apoiado pelos camponeses e descontentes.

Após a morte de Pisístrato, seus filhos não conseguiram manter o poder e Clístenes dirigiu uma nova revolta social que venceu os aristocratas e expulsou os espartanos.

Como resultado deste processo, no século V a.n.e., passado cerca de três séculos de reformas, a Grécia era uma sociedade democrática.

Com o estabelecimento da democracia ateniense ficou aberta a participação de todos os cidadãos na vida nacional, o que permitiu à Grécia destacar-se em vários domínios da vida e do pensamento. A

evolução do pensamento grego da época reflectiu-se no desenvolvimento de várias ciências, incluindo a História.

A estas transformações na vida política, económica e social juntou-se, como factor externo do progresso dos gregos, a vitória sobre os persas, que permitiu aos gregos tomar consciência do seu destino político.

Heródoto o “Pai da História”

O surgimento e desenvolvimento da história, na Grécia, deveu-se, em grande parte, ao papel de Heródoto (484 – 424), o “pai da história”, o primeiro a adoptar uma atitude científica em relação a História e também ao papel de Tucídides.

As principais inovações de História grega podem ser sintetizadas no seguinte:

Introdução de uma História universal – fazendo a passagem da historiografia gentílica à historiografia ecuménica (universal) - ao escrever não só sobre os Gregos, mas também, sobre os Bárbaros.

Explicação da razão dos factos - Uso de testemunhos fidedignos, ou seja dignos de crédito - nesta perspectiva baseava-se na tradição oral e no seu testemunho ocular.

No caminho de Heródoto esteve Tucídides cujo contributo essencial foi o questionamento das fontes históricas, para apurar a sua veracidade e credibilidade. Este posicionamento de Tucídides ficou bem patente no seu relato sobre a Guerra do Peloponeso no qual tentou distanciar-se do maravilhoso, privilegiando a informação objectiva e esboçando um sistema explicativo.

Características da Historiografia Grega

Graças a Heródoto e Tucídides a História começou a caminhar para a sua cientificação, adoptando um objecto de estudo, uma metodologia própria e um objectivo bem definido, senão vejamos:

- Estuda-se o passado e o presente dos homens ou simplesmente o homem.
- Alarga-se a noção de fonte histórica que, além da tradição oral, considera os testemunhos oculares.
- Cria-se uma metodologia que envolve a recolha de dados através da observação e informação, a reflexão, análise crítica e a comparação das fontes e, finalmente, a síntese;
- A sua finalidade é a verdade histórica pelo que defende a objectividade e neutralidade de análise.

Embora dando notáveis progressos a historiografia grega revela ainda algumas insuficiências.

Os historiadores gregos viram-se confrontados com a contradição entre o ideal da história universal baseada em fontes fidedignas (que defendiam)

e a incapacidade de falar de regiões relativamente afastadas, devido a escassez de fontes. Deste modo, eles vêm-se obrigados a fazer uma história regional e não a universal que defendem.

Por outro lado, as fontes orais e os testemunhos oculares não permitem abarcar períodos relativamente longos, mantendo a fidelidade numa história que busca de facto a verdade, pelo que ficam também a este nível limitados

A história grega é limitada no tempo e no espaço.

A época clássica que teve início com a civilização grega, foi marcada nos últimos séculos pela civilização romana. Agora, caro aluno, vai estudar, em seguida, a civilização romana.

A Historiografia Romana

A obra historiográfica dos gregos teve seguimento no império romano, resultante da conquista romana de vários estados na Europa, Ásia e norte da África.

Os romanos, basearam-se na língua e nos moldes gregos para fazer uma história tipicamente romana, que embora, apresentando alguns traços comuns à grega, tem as suas particularidades, por exemplo:

- **Ligação ao passado**, considerado o centro das virtudes nacionais.
- **Carácter político** uma História feita por homens políticos, que aborda assuntos políticos e com fins políticos.

Para os romanos a história é, em geral, uma exaltação da cidade e do império, o que a leva a assumir um carácter nacional e patriótico. É, portanto, uma história apologética. Por outro lado é uma história pragmática. O carácter nacional da história romana explica a predominância dos anais (anotações dos principais acontecimentos políticos) nos escritos que lhe dão corpo

Os Principais Historiadores Romanos

Políbio – Grego, prisioneiro em Roma, transmitiu aos romanos as tendências racionalistas da historiografia grega. A principal contribuição de Políbio foi a aplicação do modelo de ciclo à História, conduzindo à concepção de que a história é o conhecimento do geral, daquilo que se repete, que obedece a leis e por isso é susceptível de previsão.

Tito Lívio – Intelectual ao serviço da política imperial, tinha como principal preocupação elevar bem alto o rei e o império romanos. Foi um típico historiador romano.

Outros autores romanos foram: *Tácito* Flávio Josefo, Salústio, Plutarco, Suetónio etc.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu que:

- Após um período de abordagem mitológica, a História surgiu, como ciência, na Grécia clássica graças ao contributo de Heródoto.
- Os primeiros passos para a científica da História foram dados por Heródoto – o pai da História.
- Graças a Heródoto e seus seguidores, a História ganhou carácter científico ao assumir um objecto de estudo concreto, adoptar uma metodologia própria e definir-se claramente a nível da sua finalidade.
- Inspirados na historiografia grega, os romanos desenvolveram a sua própria marcada pelo seu carácter político e pela forte ligação ao passado, visto com centro das virtudes nacionais.
- Além de Heródoto e Tucídides, na Grécia, a historiografia greco-romana deveu-se as contribuições de Políbio, Tito Lívio, Tácito, entre outros.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vai em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Explique porque é que tendo sido no oriente antigo que surgiram as primeiras formas de literatura histórica, se considera que Heródoto foi o “pai da história”.
2. Fale do contributo de Tucídides para a História.
3. Apresente as características da historiografia greco-romana.

Guia de Correção

1. Heródoto é tido como o “pai da História na medida em que foi o primeiro a se esforçar em fazer uma história científica, portanto com um objecto de estudo claro, com método próprio e com uma finalidade. Estes elementos que tornam o conhecimento científico estão ausentes nas primeiras formas de literatura histórica.
2. Tucídides trouxe para a História o questionamento das fontes históricas, para apurar a sua veracidade e credibilidade além de que tentou distanciar-se do maravilhoso, privilegiando a informação objectiva e esboçando um sistema explicativo.

3. Nos seus aspectos pode se considerar que as principais características da historiografia grega – romana eram:
 - Humanismo pois estuda o passado e o presente dos homens ou simplesmente o homem.
 - Alargamento da noção de fonte histórica que, além da tradição oral, considera os testemunhos oculares.
 - Cria-se uma metodologia que envolve a recolha de dados através da observação e informação, a reflexão, análise crítica e a comparação das fontes e, finalmente, a síntese;
 - Pragmática ao tentar encontrar no passado ensinamento para o presente. A sua finalidade é a verdade histórica pelo que defende a objectividade e neutralidade de análise.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Estabeleça a diferença entre a Historiografia oriental e Greco-romana.
2. *Eis a exposição do inquérito empreendido por Heródoto de Thourioi para impedir que as acções cometidas pelos homens se apaguem da memória com o tempo e que grandes e admiráveis feitos, levados a cabo, tanto do lado dos gregos como do lado dos bárbaros, cessem de ser nomeados, finalmente e sobretudo, o que foi causa de entrarem em guerra uns contra o outro (...)-Heródoto, **Histórias**.*
 - À luz do extracto acima refira-se as principais ideias historiográficas de Heródoto.

Confira as suas respostas com as que te são apresentadas no final do módulo. Se acertou em todas pode avançar para a lição seguinte!

Lição 3

A Historiografia Cristã Antiga

Introdução

Quando se datam acontecimentos históricos, normalmente, se toma como referência um acontecimento que teve lugar há pouco mais de 2000 anos. Esse acontecimento foi o nascimento de Jesus Cristo, figura a quem esteve ligado o surgimento de uma ideologia religiosa designada Cristianismo.

Quando se diz ano 2000, está se tomando como ponto de referência, aquele acontecimento. Este é um sinal revelador de que aquele acontecimento teve grande impacto para o mundo actual.

A importância do Cristianismo reside no facto de ele sustentar-se numa mensagem social e ecuménica que a tornou numa religião de dimensão universal e que influenciou o pensamento ocidental durante largo tempo.

Neste mesmo caminho o Cristianismo modelou igualmente a concepção da história.

Nesta lição pretende-se, pois, fazer uma breve incursão sobre a emergência e difusão do cristianismo e, sobretudo, o impacto desta ideologia na evolução da História.

Vamos a isso!

Ao concluir esta lição você será capaz de:

- *Explicar* as origens do cristianismo
- *Caracterizar* a historiografia cristã
- *Mencionar* os principais representantes da historiografia Cristã



Objectivos

Surgimento e Difusão do Cristianismo

O cristianismo surgiu na Palestina durante o momento da conquista daquele território pelos romanos. A invasão do território pelos romanos aconteceu numa altura em que os judeus tinham passado por outras experiências de sofrimento e aguardavam, conforme a mensagem dos profetas, pela chegada de um Messias que lhes iria libertar.

Durante o domínio dos romanos apareceu Jesus Cristo, transmitindo uma mensagem de amor, justiça, paz e de esperança. A partir daí ficou claro que aquele era o Messias anunciado e, todos propuseram-se a segui-lo. Nascia assim uma nova era, uma nova filosofia de vida e uma ideologia religiosa que nunca mais parariam de crescer.

O Cristianismo apresenta uma mensagem social e ecuménica, ao defender valores como a justiça social, o amor ao próximo, a igualdade entre os homens, entre outros contrários ao ambiente de escravidão em que se vivia.

Devido a este seu carácter ecuménico e social o cristianismo foi, inicialmente, visto pelas classes dominantes como uma ameaça ao seu poder, sendo, por isso, alvo de perseguições. Entretanto as ideias cristãs foram progressivamente atraindo mais e mais aderentes entre as camadas pobres, pelo apesar do bloqueio, registou uma evolução contínua.

Não podendo travar o crescimento do cristianismo as autoridades começaram a fazer cedências que culminaram a sua elevação à Religião oficial do Estado em 391.

A concepção cristã da História

Em que medida o Cristianismo influenciou o pensamento da época e, em particular da Historiografia?

Mais do que uma ideologia religiosa o Cristianismo era também uma maneira de ver e pensar o mundo: o Cristianismo apresenta a sua própria concepção sobre a origem e o destino do mundo. Aliás, isto não é novidade. Quando se vai a Bíblia encontra-se lá uma explicação sobre a origem do Homem e, sobre o destino que lhe espera, pois então, nesta ideologia esta é que é a concepção do mundo.

Segundo o cristianismo a história é um combate constante entre *Lúcifer* (o mal) e *Deus* (o bem) e a sua trajectória, irreversível e oposta a concepção cíclica defendida pelos gregos e romanos, começa com o *pecado original*, passa pela *redenção* e termina com o *juízo final*.

A ideia principal é que, devido ao pecado original, o homem espalhou em toda a terra o pecado e, Cristo veio ao mundo para restabelecer a ordem e fazer triunfar a igreja, numa luta que terminará com o juízo final, altura em que o reino de Deus triunfará.

Deste modo a terra é apenas um lugar transitório para a expiação e redenção do pecado e o homem em vida tem, pois, a oportunidade de se preparar para o juízo final.

Portanto, pode-se afirmar que a história cristã é a aplicação da concepção cristã modelada por Santo Agostinho no seu livro “A Cidade de Deus” no qual dizia:

“Os romanos foram honrados em quase todas as nações; impuseram as leis da sua hegemonia a muitos povos; hoje, as letras e a história celebram-nos em quase todas as raças. Não têm motivo para queixar-se da justiça do Deus supremo e verdadeiro: eles receberam a sua recompensa; os judeus, que tinham morto Cristo foram justamente entregues aos Romanos, para glória destes. Aqueles que, pelas suas virtudes, seja qual for a maneira por que devemos julgá-los, procuraram e obtiveram glória terrestre deviam vencer aqueles que, com seus enormes vícios, mataram e recusaram o dispensador da verdadeira glória e da cidade eterna”

Para a formulação e fundamentação da concepção cristã do mundo recorreu-se a uma série de fontes que podem ser agrupadas em duas categorias: as fontes doutrinárias e as históricas.

Muitos documentos históricos foram destruídos alegadamente por serem apócrifos, ou seja inautênticos.

O que acha caro aluno da destruição das fontes identificadas como falsas ou inautênticas? É justo ou não que sejam destruídas? A primeira vista parece correcto que sejam destruídas, mas pensando um pouco percebe-se que não é tão correcto. Senão vejamos: para nós nos certificarmos que houve falsificação precisamos de ter os tais documentos falsos. Portanto destruir os documentos tidos como falsos é historicamente condenável, pois em história as fraudes são também matéria de estudo.

Portanto, não parece que a real razão para que fossem destruídos fosse a sua falsidade mas o facto de apresentar uma informação distinta da que era dada pelas fontes doutrinárias, abrindo espaço para o questionamento destas.

Portanto tratava-se de fontes que punham em causa a unidade doutrinária. Daqui conclui-se que a história cristã foi elaborada com base em informações tendenciosas previamente seleccionadas e por isso, construiu uma visão de história humana com um ponto de vista apologético.

Os Historiadores Cristãos

✓ **Eusébio de Cesareia** (260 – 339)

Foi o principal obreiro da história cristã.

Produziu uma crónica que consistia de uma cronografia e de cânones cronológicos. A cronografia resumia a história universal povo por povo, argumentando a favor da prioridade, no tempo, de Moisés e da Bíblia. Os cânones eram tábuas cronológicas que assinalavam os sincronismos entre a história sagrada e profana. A cronologia bíblica começa com a data da criação, seguindo-se a do povo judeu até ao nascimento de Cristo, com o qual começava a história cristã. A história eclesiástica de Eusébio, bem documentada ia de Cristo até a fundação de Constantinopla.

Eusébio trouxe para primeiro plano da história cristã os judeus.

- ✓ **Cassiodoro** (487-583) Reuniu e traduziu do grego três historiadores eclesiásticos, continuadores da história de Eusébio, nomeadamente Sócrates, Sozômeno e Teodoreto. Escreveu também uma história gótica e uma crónica da época de Adão até ao ano 519.
- ✓ **Santo Agostinho** (354 – 418) Foi o autor da primeira filosofia cristã de história. O seu livro “De Civitate Dei” (A cidade de Deus) foi uma tentativa de negar a afirmação dos pagãos segundo a qual a tomada de Roma por Odoraco e os saques dos vândalos eram motivados pelo desapego à antiga religião romana.
- ✓ **Paulo Orósio** (até 418) Procurou mostrar em “Sete Livros de História Contra os Pagãos ”que os tempos anteriores a Cristo tinham sido muito mais tempestuosos do que os posteriores, como forma de rejeitar a ideia de que as desgraças que se abatiam sobre a sociedade

romana, em especial as invasões dos bárbaros, resultavam do abandono das religiões anteriores a Cristo.

Com a obra de Eusébio e com as continuações de Sozômeno, Sócrates e Teodoreto e ainda o manual latino que deles tirou Cassiodoro formou-se o corpo da História da igreja que alimentou a idade média.

Foi do Cristianismo a autoria da primeira filosofia da história, a tentativa de determinar as leis por que se rege a história. Os seus defensores procuraram mostrar como o mundo seguiu um desígnio de Deus na sua longa preparação para o advento de Cristo. A partir desse ponto central a humanidade continuaria uma marcha de sofrimentos até ao juízo final. Esta ideia foi exposta por S. Agostinho no seu livro “Cidade de Deus” e a demonstração coube a Paulo Orósio no seu “Sete Livros de História Sobre os Pagãos”, uma continuação da “Cidade de Deus”.

É portanto uma história providencialista, em que a evolução da humanidade aparece como providência divina.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

O Cristianismo surgiu na Palestina no âmbito da expansão Romana. Com uma mensagem social e ecuménica, o Cristianismo resistiu às tentativas de o sufocar e registou, desde o seu surgimento, um crescimento contínuo.

Por influência do Cristianismo, surgiu na Idade Média uma historiografia que defende a primazia da providência em toda a evolução da humanidade.

S. Agostinho e Eusébio de Cesareia são as principais figuras da historiografia cristã que inclui outros autores como Cassiodoro, Paulo Orósio, Sozômeno, Sócrates teodoreto, etc.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vá em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. O Cristianismo registou, desde o seu surgimento uma evolução ascendente, conquistando a cada momento, mais aderentes e mais aceitação nos meandros do poder.
 - Apresente os factores da contínua afirmação do Cristianismo
2. Com o cristianismo nasceu a primeira filosofia da História.
 - a) Diga a que historiador coube a autoria da primeira filosofia da História.
 - b) Refira-se as ideias-chave dessa filosofia.

Muito bem! Agora compare as suas respostas com a Chave de Correção que lhe damos a seguir.

Guia de Correção

1. Os factores da contínua afirmação do Cristianismo foram a sua mensagem social e ecuménica, ao defender valores como a justiça social, o amor ao próximo, a igualdade entre os homens, entre outros.
2. a) Santo Agostinho
b) A evolução da humanidade seguiu sempre um desígnio de Deus.

Acertou em todas? Muito bem! Agora realize a avaliação seguinte.

Avaliação



Avaliação

1. Explique de forma sucinta a concepção cristã da história
2. A história cristã considera que toda a acção humana é movida pelos desígnios de Deus e, portanto, a sabedoria da História é a Sabedoria Divina por isso se diz que é:
a) Cristã b) Medieval c) Palaciana d) Providencialista
3. Complete a seguinte frase. Com os cristãos surgiu a primeira filosofia da história que defendia.
a) O papel da providência como motor da História
b) Uma evolução contínua e reversível
c) A análise crítica dos factos para apurar a sua veracidade
d) Uma história total e global

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 4

A Historiografia Medieval

Introdução

No limiar da nossa época o mundo viu emergir uma nova ideologia religiosa e corrente de pensamento – o Cristianismo. Sob influência desta corrente implantou – se uma nova forma de pensamento que se repercutiu também no domínio da História. Como surgiu o cristianismo? Em que medida o cristianismo influenciou o pensamento historiográfico da época. Estas são algumas das questões que verá respondidas nesta lição.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Caracterizar* a sociedade medieval.
- Apresentar as características da historiografia medieval
- *Identificar* os avanços e retrocessos da história sob influência do Cristianismo.
- *Descrever* as novas tendências historiográficas no século XIV

A História Cristã Medieval

A Sociedade Medieval

O desmoronamento, isto é, a queda do Império Romano do Ocidente, no século V, na sequência da tomada de Roma pelos bárbaros, marcou o fim da Antiguidade escravagista e o início da Idade Média.

Neste processo, acompanhado por incursões dos bárbaros sobre as cidades romanas, regista-se o abandono das cidades e o refúgio nos campos, onde as populações se organizam em pequenas comunidades rurais baseadas na identidade religiosa (neste aspecto diferem das primeiras comunidades rurais aglutinadas com base na consanguinidade).

A Idade Média acompanhou a implantação e assunção, no ocidente, do Cristianismo como forma de pensamento e cultura dominantes. Esta transformação levou ao surgimento de uma nova concepção historiográfica baseada na concepção cristã do mundo.

Neste contexto surgiu a historiografia medieval cujas principais características eram:

- Considera que toda a acção humana é movida pelos desígnios de Deus e como tal a sabedoria da História é a Sabedoria Divina;
- Coloca como objectivo da História, antes de mais, o cumprir desses desígnios por todos os povos;
- Defende que acima da vontade dos homens está a vontade de Deus e seu desígnio sobre o Mundo, ou seja a Providência;

- É uma História Universalista (começa sempre em Adão e termina na época do Historiador, repetitiva e cíclica, apologética e apocalíptica (prevê o fim do mundo).

Os géneros predominantes são os *anais* e os *cronicões*. Uns e outros são narrativas sobretudo de factos político – militares, que tomam por unidade de tempo períodos mais ou menos longos. A diferença reside no facto de os *anais* dividirem as épocas estudadas em períodos de um ano, relatando secamente os factos.

Além dos *anais* e *cronicões* também constituem literatura histórica medieval vários outros documentos, sobretudo de origem eclesiástica, tais como:

- Hagiografias;
- Histórias;
- Actas de sínodos e concílios;
- Bulas e outros diplomas de origem papal;
- Obras de clérigos seculares;
- Manuais dos confessores, etc.

Para a reconstituição da história medieval existem também fontes civis de natureza oficial nomeadamente os diplomas régios, bem como fontes provenientes da cultura popular, o folclore.

Ao nível metodológico, o trabalho do historiador cristão privilegia a interpretação dos dogmas divinos em detrimento da investigação das razões humanas. Os aspectos morais sobrepõem-se aos vividos na explicação dos fenómenos.

O Contributo dos Cristãos e dos Muçulmanos

É certo que a Idade Média viu interrompidos alguns dos progressos alcançados na Época Clássica, sobretudo quanto ao objecto e aos métodos da História. Contudo são de inegável valor as contribuições dos cristãos e dos árabes a nível da concepção e da Filosofia da História.

Os cristãos contribuíram de duas maneiras para o desenvolvimento da História:

- A concepção da primeira filosofia da história – ao considerar o papel da providência como motor da História;
- A ideia de evolução contínua e irreversível - o que é claramente um passo em frente na evolução da história;

A evolução da História na Idade Média esteve, também, ligada aos contributos trazidos pelos árabes, particularmente Ibn Khaldun, que tentou analisar as estruturas dos grupos sociais e de relacionar domínios diferentes da realidade.

A Historiografia do Século XIV

A última fase do período medieval, em particular na segunda metade do século XIV é caracterizada por uma notável alteração na ordem estabelecida na época medieval e a implantação de uma nova dinâmica caracterizada por:

- Revoltas, no campo, entre os trabalhadores rurais e os proprietários das terras e na cidade entre os artesãos e os grandes mercadores;
- Desenvolvimento do comércio
- Surgimento da burguesia que se torna nova força económica.

Esta burguesia constrói fábricas, empresta dinheiro, comanda as rotas comerciais terrestres da Europa e Ásia, etc. Também começa a erguer, em torno das antigas cidades, os burgos de que resultará a designação burguesia, projectando algumas cidades à categoria de república (Veneza, Florença, Génova, etc.) Os burguesas também dominam o saber, pois são eles que maioritariamente frequentam as universidades europeias.

No século XIV a burguesia era consideravelmente forte a nível social, económico e cultural, mas o poder político continuava nas mãos da nobreza e do clero, detentores dos bens fundiários.

Neste contexto histórico, e tendo em vista defender o poder das classes dominantes (nobreza e o clero), surgiu um novo tipo de historiografia designada Palaciana, de iniciativa régia ou senhorial, produzida nas cortes reais ou senhoriais por cronistas ao serviço dos senhores ou dos príncipes e sob encomenda destes.

Se os cronistas trabalhavam para os senhores ou príncipes, que lhes pagavam por isso, fica claro, que o que eles escreviam devia ser do agrado de quem lhes mandava escrever. Portanto, a história palaciana era uma história, em geral, mais preocupada em apresentar a imagem mais conveniente à instituição servida pelo cronista do que com a verdade e objectividade dos factos.

Em paralelo com esta história, alguns historiadores tentam, movidos pela ética profissional, transmitir aquilo que julgam ser a verdade.

Por seu turno a burguesia inicia a produção de uma história burguesa que se debruça sobre a cidade, onde esta camada social já é autónoma.

A nível metodológico, os cronistas do século XIV continuam a fazer a compilação, porém começam aliar esta prática com o inquérito no terreno. Mas havia ainda muitas limitações tais como o predomínio da narração sobre a investigação dos factos, bem como o facto de as tomadas de decisões serem quase sempre favoráveis aos detentores do poder.

No que se refere ao objecto de estudo assinala-se a primazia dada aos deuses a que se seguiam logo os senhores e os príncipes.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

A desintegração do império romano do ocidente na sequência das invasões dos bárbaros, abriu espaço para o surgimento do estado e da sociedade medieval (feudal, cristão) sob a qual desenvolveu-se uma historiografia cristã.

Nesta, nova tendência historiográfica predominam como literatura histórica os anais e os crônicas num leque que inclui hagiografias, histórias, actas de sínodos e concílios, bulas e outros diplomas de origem papal, obras de clérigos seculares, manuais dos confessores, etc.

Da contribuição dos cristãos para o desenvolvimento da História, sobressaiem a concepção da primeira filosofia da história e a ideia de evolução contínua e irreversível da história.

No século XIV, durante a Idade Média Tardia, a progressiva difusão das ideias burguesas levou ao surgimento de novas tendências historiográficas, nomeadamente a história palaciana e a burguesa.

Agora que terminou o estudo da lição faça as actividades que te são propostas de seguida

Actividades



Actividades

1. Mencione quatro formas sob as quais se apresenta a Literatura histórica cristã.
2. Caracterize a historiografia medieval quanto ao objecto e a metodologia.

Acertou em todas as questões? Verifique no guia de correcção!

Guia de Correcção

1. Anais, crônicas, hagiografias; histórias; actas de sínodos e concílios; bulas e outros diplomas de origem papal; obras de clérigos seculares; manuais dos confessores.
2. Quanto ao objecto, a história cristã é providencialista na medida em que estuda a acção humana para nela encontrar os desígnios de Deus; quanto a metodologia é uma história que privilegia a interpretação dos dogmas religiosos sobre a explicação dos factos.

Para prosseguir com a sua auto avaliação resolva agora os exercícios seguintes.

Avaliação



Avaliação

1. Langlois caracterizava a época medieval como “uma longa noite durante a qual a história regressou à infância”.
Analise criticamente este ponto de vista.
2. Caracterize a historiografia palaciana.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 5

A História nos Séculos XV e XVI

Introdução

A nível da evolução da História universal os séculos XV e XVI são marcados por uma renovação cultural a que se convencionou chamar Renascimento, cujas realizações seriam continuadas e aperfeiçoadas na época do Iluminismo e sob influência deste movimento intelectual. Esta transformação, teve, como é lógico, impacto a nível da historiografia. Vai estudar nesta lição que progressos foram dados na produção historiográfica entre os séculos XV e XVIII. Preste atenção!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- Indicar as principais características do Renascimento
- *Caracterizar* a história sob influência do Renascimento.
- *Mencionar* os representantes da historiografia renascentista.

O Renascimento e a Historiografia Renascentista

Como deve se recordar, a idade média foi um período marcado por uma acentuada regressão em diversos domínios, particularmente, durante a chamada Alta Idade Média. A economia urbana baseada no comércio que se desenvolveu na época clássica, na Grécia e Roma, desapareceu e foi substituída por uma economia rural baseada na agricultura.

Politicamente o poder passou para os senhores feudais e, o rei passou a ser uma “figura decorativa”. O Cristianismo tornou-se numa religião dominante no Ocidente.

Entretanto, na Baixa Idade Média assistiu-se ao início de um processo de recuperação que, embora abalado no final do século XIV por crises epidemias e guerras, prosseguiu nos séculos XV e XVI conduzindo a grandes transformações:

- A nível económico foi o tempo da expansão europeia, que permitiu a entrada de grandes quantidades de capitais na Europa estimulando a sua economia; o comércio colonial desenvolveu-se tornando-se também importante fonte de acumulação de capitais na Europa; essa evolução foi acompanhada pelo surgimento de novas teorias económicas – *Mercantilismo* e *Fisiocratismo*;
- A nível social regista-se a afirmação progressiva da burguesia, cada vez mais forte economicamente. O comércio, interno e externo, permitiu a burguesia amealhar mais e mais riqueza tornando-se a cada momento uma classe mais forte.

- Politicamente foi o tempo do surgimento dos regimes absolutistas – a burguesia que foi sempre se enriquecendo graças ao comércio e que entretanto não tinha poder e enfrentava barreiras internas para a prática do comércio pretendia acabar com o poder dos senhores feudais por isso começou a financiar os reis para a formação de exércitos nacionais, pagamento de funcionários públicos e outras despesas administrativas. Assim os reis, com apoio da burguesia, puderam repor a sua autoridade e criar estados centralizados e impor um poder absoluto.
- Emergência do conhecimento Científico – a necessidade de construção das embarcações, de aperfeiçoamento das técnicas de navegação e de construção e utilização de instrumentos de orientação, para tornar possível a expansão, bem como as novas descobertas que a própria expansão permitiu, contribuíram para estimular o desenvolvimento científico.
- No campo religioso ocorreu a reforma protestante - um dos acontecimentos mais marcantes da época que trouxe novas abordagens na religião cristã.

Em síntese, os séculos XV e XVI foram marcados por grandes transformações que levaram a uma verdadeira Renovação Cultural marcada pelo desejo de mudança – o **Renascimento**. Criticando a sociedade e a cultura medieval, o Renascimento defende a revalorização da época clássica. Portanto a arte do Renascimento inspira-se na arte clássica - classicismo. Outro aspecto relevante deste movimento consistiu na tentativa do homem de acreditar na sua própria capacidade - Humanismo.

Como é que esta evolução dos séculos XV e XVI influenciou a evolução da Historiografia naquele período?

Veja a seguir

Como acabou de ver ainda nesta lição, o Renascimento favoreceu o surgimento de um pensamento humanista, que defende o livre arbítrio, o valor da experiência e o desejo de glória individual, e para a história esta tendência no pensamento conduziu a história humanista, que reduz o papel de Deus. O homem vai-se sentindo cada vez mais o construtor e responsável do processo histórico.

O pensamento humanista deu também lugar a ideia da relatividade das coisas e a experiência passou a ser o critério de verdade. Por influência da reforma religiosa desenvolve-se a preocupação da crítica de textos, através da qual os movimentos religiosos dedicam-se à análise dos textos sagrados para fundamentarem a sua doutrina e se auto proclamarem legítimos herdeiros das primeiras comunidades cristãs.

Sob influência do Renascimento a história seguiu um novo rumo, humanista, caracterizado por:

- Abordagem crítica do passado nacional ou urbano, por poetas, literatos, diplomatas retirando assim a tarefa de escrever história aos monges.

- Alargamentos da temática histórica, embora os aspectos políticos continuassem com maior expressão.
- Mudança da forma de exposição, com a substituição da crónica medieval pelos anais, com destaque para a biografia.

Uma nova abordagem metodológica, com início na ordenação metódica das fontes, graças a contribuição de vários historiadores como:

- ✓ **Flávio Biondo** que começou a reunir e a comparar as fontes com algum sentido crítico;
- ✓ **Calchi**, pioneiro no uso de documentos e inscrições;
- ✓ **Lourenzo Valla** o primeiro a defender a crítica filológica das fontes;
- ✓ **Giustiniani** que introduziu a crítica histórica objectiva submetendo todos os dados da tradição a crítica da sua possibilidade de aplicação prática.

Representantes da História Humanista

- ✓ **Nicolau Maquiavel** (1469 – 1527) – defendeu uma nova concepção de Estado: O Estado temporal, soberano, independente da igreja, centralizado e único.

Nas suas obras “ Discorsi sopra la prima decada de Tito Lávio” e “ II Principe “ Maquiavel adopta já uma atitude científica procurando explicar os fenómenos sociais que descreve pela intervenção de factores naturais como o clima, a natureza humana, etc.

O Príncipe, de Nicolau Maquiavel, é uma obra basilar da ciência política moderna, constituindo, também, um dos clássicos do pensamento estratégico.

A imagem de uma Itália apossada, durante mais de vinte anos, pelas invasões e guerras iniciadas no final do século XV e que se prolongaram até 1515, levou Maquiavel a incitar Lourenço de Médicis, senhor de Florença, a arvorar o estandarte da liberdade, criando um arco de união entre todos os italianos, expulsando os exércitos estrangeiros e fundando um novo Estado, alicerçado em “boas leis” e “boas armas, com exército próprio”.

- ✓ **Lourenzo Valla** (1407 – 1457) – escreveu uma obra com o título “ *De falso credita et emetita ccontantine*” na qual apresentava as suas ideias sobre procedimentos de crítica histórica. Com essa obra criou-se um dos maiores instrumentos de crítica histórica - *a filologia humanística* - que consiste na comparação de estilos documentais, erros de tradução, etc.).
- ✓ **Francis Bacon** (1561 – 1626) *Defende a superioridade dos tempos actuais em relação aos antigos e a ciência experimental sobre as concepções teóricas do passado. Para ele, as ciências devem ser renovadas e colocadas ao serviço do progresso da humanidade através das leis da natureza.*

- ✓ **Jean Bodin** (1530 – 1569) defende que a história deve ser uma espécie de tábua da verdade e dos acontecimentos; e quem a ela se dedica não deve começar pela história de Deus, mas pela dos homens.

Defendia igualmente a influência do clima sobre a natureza física e psíquica dos homens.

- ✓ **Fernão Lopes** escreveu a crónica de D. João I, na qual está patente a defesa da independência do historiador perante as autoridades e, o sentido da sua responsabilidade perante o povo. Segundo Fernão Lopes o motor da história, é a sociedade no seu conjunto, ou mais propriamente, o povo.

Uma das maiores conquistas da história do século XV foi a formulação da regra de ouro da história, a de que aquele que escreva história de acontecimentos deve conhecer e encadear os factos, as datas, os projectos e os resultados.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Os séculos XV e XVI foram marcados pelo Renascimento, um movimento de renovação cultural e artística que critica a sociedade e a cultura medieval e defende a revalorização da época clássica.

Tendo como características essenciais o classicismo e Humanismo, o Renascimento favoreceu o surgimento de um pensamento humanista, que defende o livre arbítrio, o valor da experiência e o desejo de glória individual, e para a história esta tendência no pensamento conduziu a história humanista, que reduz o papel de Deus. O homem vai-se sentindo cada vez mais o construtor e responsável do processo histórico.

Sob influência do Renascimento iniciou uma nova abordagem, crítica, do passado nacional ou urbano, a temática histórica alargou-se, embora os aspectos políticos continuassem com maior expressão e os anais, em especial a biografia, sobrepuseram-se à crónica como forma de exposição.

Nicolau Maquiavel, Lourenzo Valla, Francis Bacon, Jean Bodin e Fernão Lopes, contam-se entre as principais figuras ligadas a historiografia renascentista.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vá em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Leia atentamente o extracto a baixo

«Sei bem que alguns autores foram e são da opinião de que as questões deste mundo são de tal modo governadas por Deus e pela fortuna, que os homens com toda a sua sabedoria não os podem corrigir, e não têm mesmo para isso qualquer remédio; por conseguinte, poderiam julgar em vão cansar-se para conseguir dominá-los, em vez de se deixar governar pela sorte. Nos nossos dias, esta opinião voltou a ganhar crédito no que respeita às revoluções que se têm visto e se vêem todos os dias, ultrapassando toda a conjectura dos homens. E de tal maneira que pensando nisso, algumas vezes me deixei, em parte, tomar por essa opinião. Todavia, para que o nosso livre arbítrio não fique anulado, julgo poder ser verdadeiro que a sorte comande metade dos nossos empreendimentos, mas que também nos deixe governar mais ou menos a outra metade».

N. Maquiavel, o Príncipe (1514)

- Com base no extracto explique a ideia de Maquiavel sobre os actores do processo histórico e, portanto, sobre o objecto de estudo da História.

2. Uma das principais conquistas da historiografia renascentista foi o surgimento da crítica filológica, um dos maiores instrumentos de crítica histórica.

- a) Mencione o autor desta criação historiográfica.
- b) Diga em que consiste a filologia humanística.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Guia de Correção

1. A posição de Maquiavel defendida no extracto é a de que a evolução da humanidade depende, pelo menos em parte, da acção humana, rejeitando, assim, que se atribua total responsabilidade da evolução humana a sorte (a Deus). Portanto defende o estudo da acção humana, ou simplesmente o Homem.
2. a) A crítica filológica foi introduzida por Lorenzo Valla
b) A crítica filológica consiste na comparação de estilos documentais, erros de tradução, etc

Avaliação



Avaliação

1. Reflectindo as transformações mentais da época do renascimento, também o conceito de História se modificou.
 - a) Refira-se as mudanças operadas na concepção da História sob influência do Renascimento.

2. Na época do renascimento a história era:
 - a) Humanista b) Palaciana c) Cristã d) Classicista

3. A filologia humanística consistia
 - a) Numa nova concepção de Estado: temporal, soberano, independente da igreja, centralizado e único
 - b) Comparação de estilos documentais, erros de tradução, etc.
 - c) Surgimento de um dos maiores instrumentos de crítica histórica
 - d) No método crítico de investigação

4. A filologia humanista foi introduzida por:
 - a) Nicolau Maquiavel b) Lourenzo Valla
 - c) Francis Bacon d) Jean Bodin

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 6

A Historiografia Racionalista

Introdução

Após cerca de 1000 anos em que vigorou a Idade Média, no século XV, o Renascimento iniciou um processo de renovação a nível cultural e intelectual que se prolongou até ao século XVIII, com a emergência do Iluminismo.

Se o Renascimento revolucionou o pensamento e a historiografia dos séculos XV e XVI, o Iluminismo foi responsável pelo aparecimento de uma nova tendência historiográfica no século XVIII.

O que é o Iluminismo? Em que medida o Iluminismo influenciou o pensamento e a historiografia do século XVIII? Estas são algumas perguntas que verá respondidas nesta lição. Estude com atenção!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Explicar* o contexto do surgimento do Iluminismo
- *Explicar* o sentido de Iluminismo
- *Caracterizar* a historiografia racionalista

O Contexto Histórico do Surgimento do Iluminismo

No prosseguimento dos progressos renascentistas, o século XVII regista notável evolução tanto a nível material, com o aparecimento dos correios e vias de comunicação organizadas, arquivos públicos, etc., bem como a nível técnico-científico, com a formulação da dúvida metódica, a exaltação do valor da experiência na construção da ciência, afirmação do método científico.

Por outro lado, nos meados do século XVII começa o triunfo da burguesia e do capitalismo. A Inglaterra adiantou-se ao nível do Capitalismo Industrial, enquanto a França se destacava no âmbito da consciência revolucionária com os antagonismos entre a burguesia e a aristocracia.

Os avanços iniciados no século XVII irão culminar com a implantação, no século XVIII, das ideias burguesas. Neste contexto emerge, então, um pensamento novo, oposto a ideologia medieval dominante e que pretende tomar como critério de verdade apenas a razão. É o **Iluminismo**, baseado na razão esclarecida.

Para ter uma ideia do que é o Iluminismo ou o iluminado siga um pouco a seguinte actividade.

Actividade

Imagine que um ancião, merecedor de grande respeito e confiança na sua comunidade dê uma informação a um seu amigo. Tanto o ancião que dá a informação, como o seu amigo, não sabe que a informação prestada não é verdadeira. Entretanto o seu amigo vem lhe contar o que ouviu e você diz a ele que não é verdade e explica – lhe porque é que não é verdade e qual é a verdade. Em quem é que acha que o seu amigo vai acreditar? Em si ou no ancião?

Certamente que existe alguma possibilidade de o seu amigo aceitar a voz da razão e concordar consigo, mas em muitas ocasiões aceita-se a ideia do mais velho, só porque a informação foi dada por alguém mais respeitável e não porque seja realmente verdadeira.

Pois é, caro aluno, o homem do iluminismo ou seja o Homem iluminado, como se designavam, recusa é contra esta dependência. Portanto os iluministas rejeitam a ideia de menoridade e procuram acreditar naquilo que lhe é dado a entender, no seu próprio raciocínio.

Os homens iluminados já não acreditam em ideias preconcebidas, como por exemplo naquilo que está no livro de um autor famoso, ou num livro sagrado, ou ainda o que foi dito por alguém mais velho. Para eles as ideias são aceites apenas quando são convincentes, ou seja, racionalmente válidas, portanto quando a pessoa percebe e aceita que são verdadeiras. No lugar do direito divino crêem no direito natural e consideram a **razão** como o maior critério do valor para a religião, a filosofia, as ciências, o estado, o direito e a economia.

Evolução Historiográfica nos Séculos XVII e XVIII

Este percurso da História nos séculos XVII e XVIII reflectiu-se, como é óbvio no tipo de historiografia feita na época.

Assim, no século XVII registaram-se avanços e retrocessos a nível da História.

Uma das maiores conquistas da História, no século XVII foi a descoberta da Diplomática e da Paleografia, importantes disciplinas na investigação histórica.

Em que consiste a Diplomática? E a Paleografia? Veja a seguir...

Por Diplomática entende-se a ciência que estuda os actos escritos tendo em vista determinar a sua autenticidade, a sua integridade, e a data da sua emissão.

A paleografia consiste no estudo de textos manuscritos antigos e medievais, incidindo especialmente na origem, forma e evolução da escrita, independentemente do tipo de suporte físico onde foi registrada, do material utilizado para proceder ao registo, do lugar onde foi utilizada e do povo que a utilizou e dos sinais gráficos que adoptou para exprimir a linguagem.

O mesmo período foi igualmente marcado pelo surgimento de novos procedimentos metodológicos envolvendo a investigação dos factos, sua

classificação por temática e épocas, crítica e organização em dicionários ou reportórios.

Entretanto se houve progressos no domínio das metodologias, já a nível temático registou - se algum retrocesso com a História a privilegiar a estética em detrimento do conteúdo. A História passa a ser mais uma forma de arte – um ramo de literatura - do que propriamente uma ciência. Portanto, a história passa a se ocupar mais dos aspectos anedótico, efabulatório, supérfluo, agradável e fácil. Esta é a chamada concepção barroca da História.

Já no século XVIII, sob influência do Iluminismo, desenvolve-se uma base de pensamento, questionando a tradição e substituindo, como critério de verdade, o saber livresco pela experiência sensorial. Valoriza-se o homem livre ou em libertação dos dogmas e da veneração dos antigos.

Entretanto a evidência sensorial, como critério de verdade é mais aplicável às Ciências Naturais e menos às Ciências Humanas.

Acompanhando a evolução das ciências naturais Descartes propôs para as ciências sociais, como critério de verdade, a evidência racional, que consistia num longo trabalho crítico, através de sucessivas análises e sínteses, acompanhadas de uma atitude de dúvida. Descartes introduzia, assim, o método de duvidar para-se chegar à verdade. Era o nascimento da *dúvida metódica*.

Surge assim o Método Crítico de Investigação, a Base da História Científica.

As novas propostas historiográficas apresentadas pelos iluministas podem assim ser resumidas da seguinte maneira:

- **Alargamento do Objecto de Estudo da História** - a par da tradicional história política e militar, os historiadores racionalistas propõem uma história global das sociedades, debruçando sobre todos os aspectos da vida (político, económico, social e cultural).

Leitura

“A História da Europa tornou-se um imenso processo de contratos de casamentos de genealogias e de títulos disputados (...) eu queria descobrir qual era a sociedade dos Homens, como se vivia no interior das famílias que artes eram cultivadas, em vez de repetir tantas desgraças tantos combates”.

Voltaire, ensaio sobre os costumes e o Espírito das nações, 1756 in: História 12º Ano de Escolaridade P.A. Neves, A.L. Pinto e C. P. do Couto

- **Aprofundamento do Campo Metodológico** - através da crítica minuciosa para apurar a veracidade e exactidão das fontes, da afirmação da dúvida metódica além da primazia dos aspectos essenciais em detrimento do secundário e supérfluo.

- **A reformulação da função da História** – que passa a servir a burguesia triunfante como classe dominante em vez de servir certos homens poderosos individualmente.

Representantes da História Racionalista

O progresso da História no século XVIII esteve particularmente ligado ao papel de notáveis pensadores como:

- ✓ **Charles de Secondat** (Montesquieu) 1689 - 1755, - autor de "O Espírito das Leis", valioso contributo para o desenvolvimento da ciência jurídica.
- ✓ **François Arouet** (Voltaire): 1694 - 1778 - Inaugurou uma história humana, ou total, que procurava abarcar todos os aspectos da evolução da sociedade (política, economia, finanças, religião, aspectos demográficos, etc.)
- ✓ **Antoine de Condorcet** (1743 - 1794) - Defende uma história global e cosmopolita. Foi, com Robert Jaques Turgot, um dos precursores do Positivismo.
- ✓ **Jean Jacques Rousseau** (? - 1778) – defende a valorização da sensibilidade e da personalidade livre e natural do homem, contribuindo assim para uma compreensão profunda da realidade histórica.

Resumo da Lição



Resumo

No século XVIII, emerge, então, um pensamento novo, oposto a ideologia medieval dominante e que pretende tomar como critério de verdade apenas a razão - o Iluminismo.

A historiografia Racionalista surgiu no século XVII, quando as metodologias da História se aperfeiçoam com a introdução de novos instrumentos de crítica histórica – a Diplomática, Paleografia, e de novos procedimentos metodológicos envolvendo a investigação dos factos, sua classificação por temática e épocas, crítica e organização em dicionários ou reportórios.

Já no século XVIII a história beneficia do surgimento do *método crítico de investigação e de uma redefinição que a leva ao alargamento do Objecto de Estudo*, passando a uma história global das sociedades, debruçando sobre todos os aspectos da vida, ao Aprofundamento do campo metodológico - através da crítica minuciosa, da afirmação da dúvida metódica, bem como da reformulação da função da História.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vá em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Distingue a historiografia do século XVII da do século XVIII quanto ao objecto de estudo.
2. Analise o contributo de Jean Jackes Rousseau para a História.
3. A nível da temática a História no século XVII registou algum retrocesso porque:
 - a) A História passa a ser uma verdadeira ciência
 - b) Trouxe um pensamento novo, oposto a ideologia medieval
 - c) Privilegiava a estética em detrimento do conteúdo
 - d) a), b) e c) são falsas
4. No século XVIII a evolução da história foi influenciada pelo:
 - a) Surgimento de uma história da civilização material
 - b) Iluminismo
 - c) Cristianismo
 - d) a), b) e c) são verdadeiras

Veja a seguir as respostas!

1. Contrariamente a história do século XVII, no século XVIII defende-se uma história global das sociedades, debruçando sobre todos os aspectos da vida (político, económico, social e cultural).
2. **Jean Jacques Rousseau** contribuiu para uma compreensão profunda da realidade histórica ao defender a valorização da sensibilidade e da personalidade livre e natural do homem.
3. **c)**
4. **b)**

Terminou o estudo de mais uma lição. Passe para outra! Mas antes realize a avaliação.

Avaliação



Avaliação

1. Leia com atenção o extracto a baixo.
(...). Eu queria descobrir qual era a sociedade dos homens, como se vivia no interior das famílias, que artes eram cultivadas, em vez de repetir tantas desgraças e tantos combates (...). **Voltaire**
 - Analise à luz do extracto acima a ideia de Voltaire e da Historiografia Racionalista sobre o objecto de estudo da História.
2. No século XVII a História registou progressos caracterizados por:
 - a) O alargamento da temática histórica
 - b) Prevalência de uma história virada para a exaltação de Deus
 - c) O surgimento da história racionalista.
 - d) O surgimento da Diplomática e da Paleografia
3. O historiador Iluminista que defende uma história global e cosmopolita foi:
 - a) Montesquieu b) Voltaire
 - c) Condorcet d) Rousseau
4. O método crítico de investigação, a base da história científica surgiu no:
 - a) Século XVI b) Século XVII c) Século XVIII d) Século XIX

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 7

A Historiografia na primeira metade do século XIX

Introdução

A evolução da História no século XIX foi particularmente influenciada pela dinâmica resultante dos acontecimentos do final do século XVIII, em especial a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Com efeito tratou-se de dois acontecimentos com enormes repercussões na vida política económica, política social e também intelectual.

Vamos então ao estudo da evolução da História no século XIX.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Descrever* contexto histórico do século XIX.
- *Caracterizar*, em traços gerais, o Romantismo
- *Caracterizar* a historiografia românica.

O Contexto Histórico do Século XIX

O século XIX ficou marcado como aquele em que se assistiu a especialização da História, adquirindo, assim, estatuto de ciência na acepção actual do termo.

As transformações que se vivem no século XIX têm as suas origens na Revolução Francesa e na Revolução Industrial, bem como em outros períodos da história da França, como por exemplo o Directório (1795-1799), o consulado (1799-1804), o império (1804-1814), a Restauração (1814-1830), A Monarquia de Julho (1830-1848).

Estas transformações conduziram à emergência de diversas correntes de pensamento e historiográficas, como; o Romantismo, o Positivismo, o Historicismo e o Marxismo.

A Revolução Francesa (1799), pôs fim ao sistema feudal abrindo espaço para a estruturação do poder burguês - liberal. Contudo, a constituição de 1791 não resolveu de facto os problemas dos camponeses e operários.

Se com a constituição francesa de 1791 a burguesia alcançara os seus objectivos, a mesma não o foi para os trabalhadores. Os san-culottes perderam direitos laborais como a greve, o descanso semanal, a organização sindical e foram reduzidos a menoridade política ao adoptar o regime do sufrágio censitário e trabalhavam mais de 15 horas diárias.

Em suma, a exceção da abolição dos direitos feudais, que beneficiaram especificamente aos camponeses pobres, as outras conquistas da revolução nunca passaram, para os *sans-culottes*, de conquistas abstractas., daí o antagonismo desta classe à burguesia.

Com a **Revolução Industrial, no século XIX**, um conjunto de sucessos científicos e técnicos serviram de base à construção de novos valores e novos destinos na vida do Homem. A tecnologia deu lugar a especialização dos operários com a orientação dos cientistas.

Foi assim implantado o pensamento científico que respondia as questões da razão e as exigências postas pelas necessidades humanas. A industrialização trouxe progressos materiais e com eles novas exigências nas ciências naturais, bem como uma série de problemas na sociedade como a propriedade privada, as relações de classe, etc. Impondo o seu estudo pelas ciências sociais com a filosofia, sociologia, pedagogia, etc.

O Romantismo

A revolução francesa (1789), também influenciou bastante o pensamento do século XIX. O principal resultado da Revolução Francesa foi acabar com o regime absolutista e implantar o liberalismo. Ora bem, essa mudança abriu espaço para um ambiente mais livre em que as pessoas podiam se expressar livremente. Neste contexto tornou-se possível a expressão de sentimentos que durante séculos foram reprimidos e criou-se um clima emotivo que favoreceu a implantação e expansão do Romantismo.

Portanto o Romantismo pressupõe liberdade. Victor Hugo, por exemplo, que era um artista de renome, definia Romantismo como a “liberdade na Arte”.

Características do Romantismo

- Liberdade política;
- Nacionalismo/patriotismo;
- Arte e o progresso da imprensa;
- Moral;
- Exaltação do excepcional;
- Defesa da natureza;
- Defesa da sensibilidade e imaginação

O Romantismo reflectiu em si as ideias das várias camadas sociais envolvidas na revolução francesa, destacando por isso três tendências distintas a saber: Romantismo Conservador, Romantismo Liberal e Romantismo Liberal.

Romantismo Conservador

Das velhas classes privilegiadas, a nobreza e o clero que desejavam repôr a velha ordem aristocrática, isto é o poder do rei e a supremacia da igreja.

Romantismo Liberal

Da burguesia vencedora na revolução francesa e que julgava efectivamente realizados os ideais da revolução. Aspirava a implantação de um novo regime, burguês, assente nos ideais defendidos aquando da revolução francesa.

Romantismo Socialista

Defendido pelos *sans-culottes*, o proletariado, que passa a ser oprimido pela burguesia.

A Historiografia Romântica

Sob influência do romantismo, na primeira metade do século XIX, a História registou progressos que podem se resumir no seguinte:

- Alargamento da investigação histórica, onde o passado passa a ser o fulcro das atenções e, na busca das origens, descobre-se a Idade Média. O gosto pelo passado redescobre, também, a ideia de mudança e progresso histórico
- Alteração do objecto da História que para além dos factos políticos e individuais, consideram-se os factos mentais e ideológicos, o conhecimento do global das sociedades e das suas instituições. O interesse dos historiadores debruça-se também por outros povos e civilizações e pelo exotismo dos seus costumes. Veja, caro aluno, o que dizia O historiador Alexandre Herculano a cerca do objecto de estudo da História:

Leitura

(...) No estado actual das ciencias históricas, não é lícito aos historiadores limitarem-se à narrativa dos sucessos políticos, no meio dos quais os povos se constituíram, desenvolveram e progrediram no caminho indefinido da civilização. Cumpre-lhes colocar ao lado dos fenómenos da vida externa das nações os que formam a sua vida interna, a sua autonomia. São duas ordens de factos que mutuamente se explicam, e sem cuja aproximação a philosophia histórica seria impossível

Alexandre Herculano, em carta a José Machado de Abreu (1853)

Ao nível metodológico, há uma preocupação em definir o método científico assente num elevado espírito de rigor, prudência, reserva que pressupõe um tratamento cuidadoso dos factos antes de proceder a generalização.

Leitura

Qual o espírito que prevalece hoje na ordem intelectual, na investigação da verdade, seja qual for o seu objecto? Um espírito de rigor, de prudência, de reserva, o espírito científico, o método filosófico. Esse método observa cuidadosamente os factos e só faz generalizações lentamente, progressivamente à medida que os factos são conhecidos. (...).

Guizot, História da Civilização in: História 12º Ano de Escolaridade P.A. Neves, A.L. Pinto e C. P. do Couto

Principais representantes do romantismo:

François Guizot (1787-1874), demonstra que o facto histórico não é apenas o conhecimento, mas também a relação entre os acontecimentos. Que não é somente o facto político, mas ainda o facto de civilização.

Augustin Thierry (1795-1856), na *História de lá conquête de l'Angleterre par les Normands (1825)* e em *Récits des Temps Merovingiens (1840)*, insiste na rectidão da narrativa e na exactidão do tom. Procura substituir a história dos grandes e dos príncipes pela das massas populares. No entanto, não põe bastante rigor na crítica das suas fontes.

Julius Michelet (1798-1874), precursor da concepção actual da História total; procura ressuscitar integralmente o passado nos seus organismos interiores e profundos, dando um lugar importante aos factos económico-sociais, culturais, religiosos e psicológicos.

Alexandre Hericulano - Este, seguiu a Guizot e Thierry. Valoriza a sociedade e o povo trabalhador. Ao invés de se dedicar à história particular dos indivíduos e de peripécias, preocupou-se com a História colectiva, das instituições, do direito, dos sentimentos colectivos, relações políticas entre as diversas formações e classes sociais.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Influenciada pelas revoluções industrial e Francesa do final do século XVIII, a Europa assiste no início do século XIX, à emergência do Romantismo. Um novo ambiente social no qual se tornou possível a expressão de sentimentos que durante séculos foram reprimidos e criou-se um clima, emotivo, no qual reina a Liberdade política, o Nacionalismo/patriotismo, o progresso da arte e da imprensa, a moral, a exaltação do excepcional, bem como a defesa da natureza, da sensibilidade e da imaginação.

Diante da nova realidade surge uma história que alarga o horizonte da investigação histórica, primando por uma abordagem global da evolução da sociedade e assente no método científico.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vá em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Jules Michelet é tido como o precursor da concepção da actual História, total e global.
 - Concorda esta qualificação? Justifique a sua resposta.
2. Uma das principais realizações do Romantismo foi ter trazido, por Guizot, o método científico.
 - Refira-se a essência do método científico.

Guia de Correção

1. Concordo com esta qualificação pois Michelet foi o primeiro a tentar dar uma explicação integral do passado abordando factos económico-sociais, culturais, religiosos e psicológicos.
2. O método científico é um procedimento baseado num elevado espírito de rigor, prudência, reserva com um tratamento cuidadoso dos factos antes de proceder a generalização.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo

Avaliação



Avaliação

1. Apresente três características do Romantismo.
2. Analise a evolução no âmbito da investigação histórica durante a época do Romantismo.
3. O defensor da ideia de um novo conceito de facto histórico que incluía a relação entre os acontecimentos e as civilizações como um todo foi:

a) François Guizot	b) Augustin Thierry
c) Jules Michelet	d) Alexandre Herculano

Agora, caro estudante compare as suas respostas com as que lhe apresentamos no final do módulo. Acertou em todas? Caso tenha tido dificuldades, reveja a sua matéria antes de passar a lição seguinte.

Lição 8

A Historiografia na Segunda Metade do Século XIX

Introdução

Na segunda metade do século XIX o ambiente de euforia resultante das revoluções dos finais do século XVIII, e que influenciaram o pensamento, e a História, na primeira metade do século XIX, tinha chegado ao fim. Nesta altura a explicação dos diferentes fenómenos é feita com mais serenidade e racionalidade. Neste contexto novas correntes de pensamento (Positivismo, Historicismo e do Socialismo Científico) com um suporte mais científico tornam-se no embrião das ideologias científicas, cujo efeito irá atingir o domínio específico da História.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- Caracterizar as correntes de pensamento da segunda metade do século XIX
- Explicar a influência das diferentes correntes na evolução da historiografia
- Apresentar as características da Historiografia na segunda metade do século XIX

A história na segunda metade do século XIX

O Positivismo

O positivismo surgiu em reacção ao Romantismo graças à contribuição de Auguste Comte que, na tentativa de explicar a evolução intelectual da humanidade, formulou a sua teoria com base na lei dos três estados.

O que é que dizia a Lei dos três estados de A. Comte? Leia o texto a seguir

Leitura

Partindo da lei dos três estados e, sobretudo, reconhecendo no estado positivo do espírito humano a era do desenvolvimento industrial e científico, Auguste Comte defende que a evolução da sociedade rege-se pelas mesmas leis da evolução da natureza e por isso as ciências humanas deviam seguir os mesmos métodos das ciências exactas.

Ao estudar deste modo o desenvolvimento total da inteligência humana, (...), julgo ter descoberto uma grande lei fundamental (...). Esta lei consiste em que cada uma das nossas principais concepções, cada ramo dos nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstracto; o estado científico ou positivo.

No Estado teológico, o espírito humano, (...), imagina que os fenómenos são produzidos pela acção directa e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitraria explica todas as aparentes anomalias do universo.

No Estado Metafísico que, no fundo, não é mais do que uma simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por formas abstractas, verdadeiras entidades (abstracções personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo e concebidas como capazes de engendrar por si próprias todos os fenómenos observados, cuja explicação consiste então em atribuir a cada um a correspondente entidade.

Enfim, no Estado Positivo, tendo o espírito humano reconhecido a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo e a conhecer as causas íntimas dos fenómenos, para unicamente se ater e descobrir, pelo uso bem combinado do raciocínio e da observação, as suas leis efectivas, isto é. as suas relações invariáveis de sucessão e de semelhança.

Para os positivistas, as ciências naturais consistiam de dois procedimentos básicos:

A determinação dos factos - através da percepção sensorial (ver, sentir, ouvir...) e;

Estabelecimento de leis - através da generalização feita a partir desses factos por indução.

Partindo desta percepção de ciência surgiu a chamada historiografia positivista cujas principais características eram:

- Defesa de uma crítica exigente às fontes, tal como acontece nas ciências exactas;
- Rejeição do papel interpretativo do historiador. É a defesa da objectividade absoluta. O importante para o historiador é descrever os factos tal como aconteceram. Não deve emitir qualquer juízo pois "*os factos falam por si*";
- A limitação da noção de documento histórico ao documento escrito. Em história a opção pelos métodos das ciências exactas faz com que só as fontes escritas se prestem ao trabalho do historiador positivista;
- O objectivo do historiador é obter do passado uma imagem o mais fiel possível da realidade e não propriamente conhecer o passado;
- Defesa de dois géneros de narrativa, nomeadamente a história episódica e a história-quadro.

Sob influência do Positivismo, os historiadores adoptaram como procedimento básico a determinação de todos os factos possíveis. O resultado foi uma enorme quantidade de material disperso produzido com base num exame cuidadoso e crítico das fontes. Surgiu então uma História erudita e técnica que se distancia da Filosofia.

Ao historiador exigia-se apenas a descrição mais fiel possível dos factos. Não é tarefa do historiador interpretar esses factos. Como dizem “*os factos falam por si*”. A história universal foi vista como um sonho vão e a literatura histórica típica passou a ser a monografia.

Assim, a história teria a tarefa de descobrir os factos, enquanto a sociologia descobriria as conexões causais entre estes factos. A sociologia seria, assim, uma espécie de super-história, elevando à categoria de ciência, ao pensar cientificamente sobre os factos a cerca dos quais a história pensava apenas empiricamente.

Os Historiadores Positivistas

Ernest Renan - usando as bases historiográficas dos positivistas tenta explicar racionalmente os milagres descritos na Bíblia.

Hipolite Taine - teve o mérito de reservar, nos seus escritos, um lugar de destaque aos factos económicos. Sua obra é ensombrada pela sua parcialidade política e pelo uso de fontes suspeitas.

Fustel de Coulanges - defende o estudo minucioso e imparcial dos documentos escritos porque, segundo diz, “*a história não é uma arte, é ciência pura*” embora seja pouco rigoroso na investigação da credibilidade e proveniência dos mesmos.

O Historicismo

Para começar leia o seguinte extracto para ter uma ideia do que é História para os historicistas.

Leitura

A História não é um mundo de acontecimentos objectivos que o historiador exuma do passado, transformando-o em objecto dum conhecimento presente. É o mundo de ideias do historiador.

Além de contemporâneo do positivismo, o historicismo até herdou as ideias positivistas, porém distancia-se daquele ao defender que as ciências exactas, que formulam leis gerais e abstractas, são diferentes da ciência histórica que descreve factos individuais, particulares e únicos e que, por isso opõe-se à generalização da lei.

Para os historicistas não basta o estabelecimento de relações causais entre os factos históricos, é preciso compreender os factos históricos, como dizem “*os factos devem vibrar na mente do historiador*”.

Como principais representantes do historicismo podem se mencionar os nomes de **Dilthey**, **Benedetto Croce** e **Collingwood**, para quem “não basta o estabelecimento rigoroso das relações causais entre os factos históricos (...). Mais do que descrever, era preciso intuir, compreender os factos históricos”.

O Materialismo Histórico

O Materialismo Histórico surgiu em meados do século XIX, numa época em que a Europa enfrentava uma nova realidade marcada pela difusão da Revolução Industrial e do Capitalismo, pelo triunfo dos movimentos

nacionalistas, pela afirmação dos ideais autonomistas dos povos pelo sindicalismo.

Ao tentar explicar a realidade em que se vivia, Marx e Engels tomaram como base a Filosofia de Hegel e formularam uma nova teoria – o Marxismo.

Criticando a ideia de Hegel segundo a qual o processo histórico é uma transformação-mudança – Dialéctica – das vontades humanas que se exprimem pela acção, Marx defendeu que também as formas de vida, que exprimem as ideias, se transformam modificando estas.

Considera ainda que é à realidade exterior que cabe papel fundamental (transformador), sendo o espírito apenas espectador. Enfim Marx e Engels atribuem à realidade material, particularmente à realidade económica o papel motor da História.

Partindo desta concepção os marxistas desenvolveram uma História Económica, cujas ideias historiográficas podem ser sintetizadas no seguinte:

- A História das sociedades humanas revela uma sucessão de modos de produção (esclavagismo, feudalismo, capitalismo);
- Em cada modo de produção a estrutura económica sobrepõe-se à superestrutura jurídica, política e ideológica, embora haja acção e reacção de todos esses factores;
- A passagem de um modo de produção para outro resulta da oposição, contradição existente na infra-estrutura económica quando a as forças produtivas entram em confronto com as relações de produção;
- No processo histórico extraem-se leis de evolução que permitem prever o futuro da humanidade.

Não obstante o notável valor das ideias marxistas para a história, tanto a nível metodológico como da concepção da história, esta corrente historiográfica não se impôs senão a partir das décadas 20/30 do século XX.

Com efeito, o Marxismo para além de ser uma corrente de pensamento foi, igualmente, uma doutrina militante anti-capitalista o que a tornou alvo do que se chamou bloqueio anti-marxista.

Embora tenham surgido diferentes correntes historiográficas na segunda metade do século XIX, o Positivismo tornou-se a corrente dominante, pelo que a História deste período é, essencialmente, Positivista.

O realce dado pela história aos assuntos institucionais e políticos fez da história a área de conhecimento preferida pelos dirigentes de modo que, mesmo com o surgimento das ciências sociais e humanas, a História continuou a ser "dona" e "senhora" do conhecimento humano. Era como se fosse a "mãe" de todas as ciências.

Era, portanto, a ciência privilegiada no conjunto das ciências sociais.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Na segunda metade do século XIX a História evoluiu sob influência de novas correntes de pensamento nomeadamente o Positivismo o Historicismo e o Materialismo Histórico.

Para os positivistas a evolução da sociedade rege-se pelas mesmas leis da evolução da natureza e por isso as ciências humanas deviam seguir os mesmos métodos das ciências exactas. Deste pressuposto resulta que sob influência do positivismo surgiu uma história que privilegia, na construção histórica, a determinação dos factos e o estabelecimento de leis, minimizando o papel interpretativo do sujeito.

O Historicismo, embora considere importante a determinação dos factos defende que o historiador deve entender e explicar esses factos.

Para o Materialismo Histórico os factos económicos são primordiais na explicação do processo histórico, por isso a história da humanidade é, antes de mais a sucessão dos modos de produção. Ao Materialismo Histórico, esteve também ligado o início da história problemática e interdisciplinar.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. "A história não é uma arte, é ciência pura" **Fustel de Coulanges**
 - Analise a frase transcrita à luz da concepção positivista da História.
2. Indique uma diferença e uma semelhança entre a Historiografia positivista e o Historicismo.
3. Os marxistas atribuem à realidade material, particularmente à realidade económica, o papel motor da História.
 - Explique em que medida a ideia da primazia da economia na evolução da sociedade se reflecte na concepção da história.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Guia de Correção

1. A frase de Coulanges mostra bem a ideia de história dos positivistas que é a de que deve haver um procedimento metodológico idêntico ao das ciências naturais.
2. Semelhança – tanto os positivistas como os historicistas defende uma crítica rigorosa às fontes
Diferença – enquanto os positivistas defendem que o historiador não deve emitir qualquer sobre os factos os historicistas defendem o contrário.
3. A primazia da realidade material na evolução das sociedades leva os marxistas a uma concepção da história que considera que a história é a sucessão de modos de produção.

Avaliação



Avaliação

1. A corrente que rejeita o papel interpretativo do historiador, afirmando que "os factos falam por si" é o:
 - a) Romantismo
 - b) Positivismo
 - c) Historicismo
 - d) Marxismo

2. A corrente historiográfica que defende o papel interpretativo do historiador, afirmando que "os factos devem vibrar na mente do historiador" é o:
 - a) Romantismo
 - b) Positivismo
 - c) Historicismo
 - d) Marxismo

3. Para o historiador Positivista o principal objectivo era:
 - a) A defesa de uma crítica exigente às fontes tal como acontece nas ciências exactas;
 - b) A limitação da noção de documento histórico ao documento escrito.
 - c) Obter do passado uma imagem o mais fiel possível à realidade.
 - d) Defesa da história episódica e a história-quadro.

4. Uma das ideias do Historicismo é que:
 - a) As ciências exactas, que formulam leis gerais e abstractas, são diferentes da ciência histórica que descreve factos individuais, particulares e únicos
 - b) As ciências sociais são iguais as ciências exactas por isso deve se usar os mesmos métodos.
 - c) Não é tarefa do historiador interpretar os factos históricos
 - d) A verdadeira história é uma história-quadro ou episódica

5. A História Económica surgiu no século XIX com a Historiografia:
 - a) Romântica
 - b) Positivista
 - c) Historicista
 - d) Marxista

6. Apesar do valor das ideias marxistas para a história, esta corrente historiográfica não se impôs senão a partir das décadas 20/30 do século XX porque:
 - a) Existiam outras correntes historiográficas
 - b) Além de pensamento foi, uma doutrina anti-capitalista o que a levou ao bloqueio anti-marxista.
 - c) As ideias Marxistas não eram científicas
 - d) O Marxismo surgiu tarde em relação a outras doutrinas

Agora, caro estudante compare as suas respostas com as que lhe apresentamos no final do módulo. Acertou em todas? Caso tenha tido dificuldades, reveja a sua matéria antes de passar a lição seguinte.

Lição 9

A História no século XX

Introdução

O século XX foi particularmente dinâmico no que refere à evolução da historiografia. Este século iniciou com um momento de crise a nível da História no entanto que ciência e, que se prolongou pelas primeiras três décadas do século. Nos anos 30 e 40 através da revista dos Annales desenvolvem-se acções com vista a resgatar a história, resultando desse esforço o surgimento da História Nova.

Nos anos 40/50 com a institucionalização da História Nova assume-se definitivamente a nova tendência historiográfica do século XX. Já no final da década de 1950 assiste-se ao aprimoramento da História nova com o surgimento da História Estrutural.

A presente lição levará a si, caro aluno, a um giro por este percurso da História no século XX.

Siga atentamente a lição!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Explicar* a génese da crise da História no início do século XX.
- *Explicar* as manifestações da crise da história.
- *Explicar* o contributo da escola dos Annales para o desenvolvimento do pensamento histórico.
- *Analisar* as novas propostas historiográficas a partir de 1946.
- *Explicar* as ideias básicas da História estrutural.
- *Explicar* o conceito de tempo histórico Segundo Braudel.

A História no século XX

A Crise da História no Início do Século XX

Na lição 8, você, estudou a evolução da História no final do século XIX. Pois bem antes de passar ao estudo de nova matéria resolva a seguinte actividade.

Porquê a Crise da História?

Entre os factores que conduziram a História à crise podemos apontar os seguintes:

- A crítica feita por novas correntes historiográficas à História tradicional
- Materialismo histórico trouxe uma nova concepção, materialista, da História, destacando o papel das massas e a importância da história estrutural e de longa duração.
- François Simiand denunciou o que chamou "os três ídolos da tribo dos historiadores" o ídolo político, o ídolo cronológico e o ídolo individual. Por outras palavras criticou a história política, cronológica e individual- portanto a história positivista
- As novas correntes de pensamento, tais como:
 - **Os estudos filosóficos** - que vieram alargar o conhecimento do homem de si mesmo;
 - **O Estruturalismo** - que veio alterar o conceito do Homem e, portanto, da própria História.
- A evolução científica da época - o desenvolvimento das ciências fez alterar o conceito de ciência e a atitude dos cientistas face a ciência.
- A emergência das ciências humanas e sociais (*sociologia, Geografia Humana, Antropologia Social e Cultural, Etnologia*) - as novas ciências passaram a se ocupar de assuntos que antes eram tratados em História, retirando a esta o exclusivo do conhecimento humano. Como resultado da crescente importância das ciências sociais a História entrou numa fase de indefinição quanto ao conteúdo específico da História, aos seus métodos e à sua função
- Impacto das guerras mundiais - a história tradicional positivista tornou-se incapaz de explicar as grandes transformações provocadas pelas guerras mundiais daí o espaço para a afirmação de novas ideias historiográficas.

As Manifestações da Crise da História

Ao ler os factores da crise fica patente que no início do século XX a História ficou abalada a dois níveis:

A **História perdeu o estatuto de ciência privilegiada** de que a História gozava como resultado do aparecimento de outras ciências sociais que passaram a se debruçar sobre assunto que antes era do domínio exclusivo da História.

A conjugação de diferentes factores levou a História a uma situação de **indefinição quanto ao seu conteúdo específico, a sua função e métodos.**

A Escola dos Annales, 1929 – 1946 e o Surgimento da História Nova

Como é natural, a crise abalou a classe dos historiadores, que de imediato se desdobraram em acções para recolocar a História ao nível das demais ciências. A criação da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* em 1929, constituiu um momento crucial dentro desse processo. A partir daquele ano quase todas as reflexões em torno da História passaram a ser publicadas naquela revista que, assim, passou a ser uma verdadeira escola historiográfica.

Os Annales tornaram-se, pois, o berço da História Nova, apresentando como principais ideias:

- A luta contra a historiografia positivista tradicional - renovação do conceito de história, rompendo com a história política e individualizada, factual e superficial e avançar rumo a uma história de homens e populações totais, económica e social e que tende a história comparada das civilizações.
- Alargamento do território do historiador - a história dos annales procura, em oposição a história positivista que privilegia os assuntos e figuras da vida política, caminhar para uma história de todos os homens, uma história do homem total, ou simplesmente, uma história humana.
- Alargamento do campo do documento - contrariamente a história positivista que considera “documento histórico” apenas o “documento escrito”, os annales entendem como documento *"tudo o que, sendo do homem, depende do homem, serve para o homem, significa a presença, a actividade, os gostos e as maneiras de ser do homem"*. Portanto para os annales qualquer tipo de escrito, os documentos figurados, produto das escavações arqueológicas, documentos orais, etc., pode ser considerados documentos históricos.
- Revalorização do papel activo do historiador - a escola dos annales iniciou a crítica à noção positivista de facto histórico bem como à ideia de reduzir o trabalho do historiador à investigação do facto histórico. Para esta escola historiográfica o facto histórico não existe senão integrado num certo contexto histórico. Cabe, pois, ao historiador, no meio da enorme gama de material, escolher, por via de uma construção científica do documento. *"O facto histórico é uma criação do historiador"*
- A História – problema: Os annales esforçam-se por colocar fim à passividade dos historiadores perante os factos e, embora sem os exageros dos historicistas, defendem uma acção mais activa do historiador na construção do conhecimento histórico. Nesta linha de pensamento, os annales defenderam a chamada história-problema. Como diziam: *"não só descrever, senão resolver, mas, pelo menos, colocar problemas"*

Entre 1946 a 1956 ocorre a “**institucionalização da História Nova**”, graças ao contributo de historiadores com Robert Mandrou, Marc Ferro, Charles Morazé, Fernand Braudel e outros, que apresentam como novas propostas:

A procura de novos objectos para a história - pretendendo ser uma história global e total, a história começa a debruçar-se sobre questões até aí estudadas em outras ciências sociais como a Antropologia, Geografia, Economia, Etnologia, Psicologia. Por outro lado o estudo das massas, no lugar das figuras públicas, leva a que marginais, mulheres, camponeses, operários, etc. Comecem a ocupar, na história o lugar antes reservado aos reis, guerreiros e outras figuras públicas. É o surgimento de novos heróis.

Alargamento do âmbito cronológico da história - a evolução científica em geral e, em especial, o surgimento das ciências auxiliares da História, permitiram à História aprimorar seus métodos e desenvolver novas técnicas e meios de investigação. Assim, a História aumenta o tipo e número de fontes e, desse modo, alarga o seu tempo de estudo, ou seja, abarca épocas muito mais recuadas no tempo.

Alargamento do âmbito geográfico - até a década de 1930 a História ocupou-se quase exclusivamente dos povos e nações considerados civilizados - os europeus. Os outros povos são apenas referidos na medida em que estiveram em contacto com os "civilizados".

A proposta historiográfica nos anos 40/50 foi portanto a de se avançar para uma História Universal e que não se limite a ser um desfile de povos que "contribuíram para a civilização". Opunha-se ao Europocentrismo que caracterizava a história e propunha uma nova tendência visando a Universalidade.

Em 1958, uma nova etapa inicia sob a liderança de **Fernand Braudel** que introduz a **História Estrutural** baseada na longa duração, tendo como colaboradores Charles Morazé e G. Friedmann.

Características da História Estrutural

- Novo conceito de tempo histórico - com Braudel a História desenvolveu uma nova noção de tempo. Braudel defende que, em História, o tempo social nem sempre coincide com o tempo cronológico, pelo que o tempo histórico deve ser medido, não pela sequência do calendário, mas pela sequência, permanência ou mudança dos fenómenos.

Assim, Braudel propõe um modelo triplo de duração histórica, nomeadamente:

- Tempo curto - o tempo dos acontecimentos ou dos eventos (a explosão de uma bomba ...). Os acontecimentos de curta duração referem-se a ocorrências superficiais e por isso o seu estudo não exige uma análise profunda.
- Tempo médio ou média duração - que se refere às pequenas variações cíclicas. É o tempo das conjunturas. P.ex. uma crise ou uma guerra.

- Tempo longo ou longa duração - corresponde às "grandes repetições" ou "grandes permanências". São os acontecimentos que tendem a permanecer e que quando se alteram fazem-no muito lentamente, como p.ex um modo de produção. É o tempo das estruturas.
- A aproximação com as Ciências Sociais - o ideal de História total e de longa duração perseguido pela história nova só pode ser alcançada se a História se aproximar às demais ciências sociais. Só esse contacto - a interdisciplinaridade - permitirá à História debruçar-se sobre todos os aspectos ligados a vida da humanidade. Assim a história tem ligações com Antropologia, Sociologia, Economia, Geografia, Psicologia, Linguística, Psicanálise, Matemáticas Sociais e Ciências da vida.
- A Revolução nas metodologias - a ideia de uma história total, global e, sobretudo, interdisciplinar só pode ser materializada com recurso à especialização e ao trabalho em equipa. Portanto, quando se fala de uma história interdisciplinar é imprescindível o trabalho em equipa envolvendo especialistas das diversas áreas de conhecimento.

As Tendências da História a Partir da Década de 1970

Nos anos 1970 a história nova começa a ser alvo de críticas, que podem ser resumidas nos seguintes aspectos:

Falta de originalidade - os annales trouxeram à História novos objectos e novos heróis, mas, nada mais fizeram senão retirar esses elementos a outras ciências. Portanto essa mudança não se deveu a uma verdadeira inovação na História.

Transformação da história numa forma de literatura - devido a forte intervenção do historiador na construção do conhecimento histórico;

Perca de objectividade - a tentativa de o historiador explicar o passado leva a que ele faça reflectir nas suas obras, mais os problemas do presente em detrimento dos da época em estudo.

Fragmentação da história - a especialização da História Nova dá a imagem de uma história "aos bocados"

Estes factores levaram a História a perder credibilidade e o seu valor.

O Novo Estruturalismo

Os críticos da História nova trazem a partir dos 1970, novas propostas que podem ser designadas Novo Estruturalismo, que tem como principais características:

- Retorno à narrativa e à visão linear, cronológica da História;
- Revalorização do facto histórico;
- Retorno à história política.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Como resultado da conjugação de vários factores, no início do século XX a história entrou numa fase de crise caracterizada por uma indefinição quanto ao objecto de estudo, aos métodos e função deste campo de conhecimento.

A reconquista do estatuto de ciência para a história iniciou no início da década de 1930 graças ao contributo da revista dos annales que se implantou como uma verdadeira escola historiográfica.

| Além de criticar a História tradicional positivista, os Annales apresentaram novas propostas em relação ao objecto, a metodologia e a concepção da História que indicavam para uma História total ou global, problemática, baseada na longa duração e que alarga o campo do documento e o território do historiador.

Estas mudanças operaram-se de forma gradual entre 1929 e 1946, de 1946 a 1958 e de 1958 aos anos 70 do século XX.

Muito bem, agora que terminou mais uma lição resolva a actividade que te propomos para sua auto avaliação.

Actividades



Actividades

1. Assinale com um X três dos factores que estiveram na origem da crise da história no início do século XX.
 - a) A crítica feita por novas correntes historiográficas à História tradicional
 - b) A perda do estatuto de ciência privilegiada de que a História gozava
 - c) A indefinição da História quanto ao seu conteúdo específico, a sua função e métodos.
 - d) A emergência das ciências humanas e sociais
 - e) O surgimento de novas correntes de pensamento, como os estudos filosóficos e o Estruturalismo

2. Mais do que a crítica à História positivista, os annales apresentam novas propostas para a História.
 - Refira-se às propostas dos annales (1929- 46) quanto ao conceito de documento e ao papel do historiador.

3. Assinale com umas V as afirmações verdadeiras e F as falsas.
 - a) A ideia de que a História nova não tinha originalidade, nem objectividade foi expressa por Fernand Braudel.
 - b) Braudel notabilizou-se como historiador pela autoria de uma nova de tempo histórico que defende a dimensão tripla deste-
 - c) No século XX a ideia de uma História ressurgiu graças ao contributo dos annales entre 1946 e 58.
 - d) A ideia de uma história interdisciplinar surgiu na História graças aos contributos de Marc Bloch e Lucien Febvre

Agora compare as suas respostas com as da chave de correcção que se apresenta de seguida.

Guia de Correção

1. a) V, b) F, c) F, d) V, e) V
2. Para os annales documento histórico não é apenas o escrito, mas todo o material escrito, figurado, arqueológico, oral, etc., que nos permite obter informações sobre o passado. Por outro lado esta escola historiográfica defende o papel activo do historiador.
3. a) V, b) F, c) F, d) V

Avaliação



Avaliação

1. Atente à afirmação: "*não só descrever, senão resolver, mas, pelo menos, colocar problemas*".
 - a) Quais eram as propostas metodológicas da escola dos Annales para a História.
2. Explique o sentido e a importância da interdisciplinaridade no contexto da História nova.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 10

A Historiografia Africana

Introdução

Até aqui esteve a estudar a evolução da Historiografia a nível do mundo, mas terá certamente notado que a abordagem feita cingia-se quase exclusivamente a Europa.

Nesta lição pretendemos, pois, abrir espaço para um estudo específico do que foi a evolução no nosso continente. Nela vamos estudar as diferentes etapas da evolução da historiografia africana, o que vai nos permitir identificar as diferentes correntes historiográficas. Faremos, igualmente, uma incursão pelos problemas, tarefas e métodos da historiografia africana.

Preste atenção!

Ao concluir esta lição você será capaz de:

- *Caracterizar* as fases de evolução da Historiografia Africana.
- *Caracterizar* as correntes da Historiografia Africana.



Objectivos

A Historiografia Africana

As Fases de Evolução da Historiografia Africana

A evolução histórica do continente africano, que afinal influenciou a evolução historiográfica, não ocorreu de forma homogénea em todo o continente. Com efeito registaram-se ao longo dos tempos grandes disparidades na evolução do continente.

Existem diferenças entre o norte, que por razões geográficas tem ligações seculares a Europa e Ásia e o sul do Saara, mais isolado daqueles continentes. Também há entre a costa, ponto de chegada dos europeus e o interior, bem como entre o oriente e o ocidente, etc. Todas estas particularidades vão se fazer sentir no curso da historiografia africana.

Os primeiros trabalhos sobre a história da África datam da época do surgimento da escrita (IV milénio a.n.e). Nessa altura surgiram no Egito (e, de forma geral, em toda a África do norte), tal como em todo o oriente, as mais antigas formas de literatura histórica – as cosmogonias e as mitografias.

A expansão do islão e do comércio proporcionaram, tanto na antiguidade como na época medieval, um contexto favorável para a difusão de ideias

incluindo ao nível da história. O Egipto foi uma referência nas obras dos autores clássicos como Heródoto e outros

O resto do continente, que ainda desconhecia a escrita e tinha escassos contactos com outras civilizações não produziu muito neste domínio. O saber era, via de regra, conservado e transmitido por via da oralidade e da experiência.

Durante este período o estudo da África tropical foi bastante limitado e as informações eram raras e pouco credíveis. Apenas existiam as fontes clássicas sobre o mar Vermelho e o oceano Índico produzidas por mercadores, como Al-Masudi (? – 950), Al – Bakri (1029-1094), Al – Idrisi (? – 1154), Ibn Batuta (1304-1369), Hassan Ibn Muhamad al Wazza'n (leão o africano- 1494-1552), etc.

Embora pareça ter havido nesta época algum dinamismo no processo de elaboração, não existia um estudo sistemático sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo e as informações eram, em geral, duvidosas.

Um dos primeiros e mais importantes historiadores da África foi Ibn Khaldun (1332-1406). Estudou a África e suas relações com o Mediterrâneo e o Próximo oriente, introduziu na história de África o modelo de ciclo e tentou chegar à verdade histórica através da crítica e da comparação. Estudou igualmente o Mali com base na tradição oral da época.

Quando o islão, e com ele a escrita, chegaram à África oriental, os negros africanos começaram a conservar a sua história através de textos escritos. Foi assim que surgiram os *ta'rikh al-Sudan*, *ta'rikh al-Fattash*, a crónica de Kano, a crónica de Kilwa, etc.

Caixa do tutor

A primeira etapa da evolução da historiografia africana situa-se entre o surgimento da escrita e o século XV. Ao longo desta fase a produção historiográfica esteve reduzida ao Egipto e norte de África, bem como a algumas regiões da costa oriental africana onde já existia algum conhecimento da escrita como resultado da presença árabe. No resto do continente, que ainda desconhecia a escrita e tinha escassos contactos com outras civilizações o saber era, via de regra, conservado e transmitido por via da oralidade e da experiência.

Entre os séculos XV e XVIII o mundo vive a época da chamada primeira expansão europeia, que leva os europeus à África, Ásia e América. Neste contexto iniciou o contacto dos europeus com a costa ocidental africana e, conseqüentemente surgiram alguns escritos sobre a costa da Guiné e outras regiões de África produzidos, especialmente por missionários europeus envolvidos na referida expansão.

Entretanto, os materiais assim produzidos e que fornecem testemunhos directos e datados, bem como compilações de relatos, são essencialmente descrições sobre a situação da época e não propriamente história. Relata-se essencialmente aspectos ligados a estadia, aos locais, ao comércio e outros de interesse dos autores desses escritos.

A terceira fase de evolução da historiografia africana é a que vai desde finais do século XVIII até princípios do século XX. A industrialização da Europa contribuiu para mudar a atitude dos europeus em relação ao continente africano. Nesta altura regista-se um certo interesse dos autores europeus pelas questões africanas. Os livros europeus começam a contemplar a África um número considerável de páginas.

Para este facto concorreram vários factores ligados a pretensão expansionista da Europa, nomeadamente a expansão de Napoleão ao Egipto (1798), a tomada de Argel pela França (1830) e a ocupação do Egipto pela Inglaterra (1882).

Caro aluno, é importante reparar que a referência à África na literatura europeia foi sempre feita sob um ponto de vista eurocentrista. Tendo em vista legitimar a expansão europeia à África.

Partindo do que chamavam herança greco-romana única, os europeus julgavam os objectos, conhecimentos, poder e riqueza da sua sociedade mais preponderantes do que os de outras sociedades. Consequentemente a história europeia era vista como chave e referência de todo conhecimento. Neste contexto a história dos outros, em especial a história africana, não tinha nenhuma importância.

Hegel foi muito claro a este respeito ao afirmar que:

“A África não é um continente histórico ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento”

Este ponto de vista vigorou no século XIX e tinha ainda alguns, poucos, adeptos em pleno século XX.

A partir de princípios do século XX e sobretudo depois da primeira guerra mundial, espalhou-se um pensamento que pretendia minimizar e até negar a influência da presença europeia em África apresentando-a como um acontecimento de ínfimo impacto na evolução histórica da África. É o Afrocentrismo. Este pensamento constituiu também uma tendência importante na evolução da historiografia africana.

A última fase da historiografia africana inicia nos meados do século XX com a emergência de uma nova História da África, produto de historiadores profissionais que fizeram dela o objecto do seu ensino e dos seus escritos. Este período corresponde ao período da África independente e que começa a evoluir em termos de escolarização com um notável aumento da rede escolar e de graduados a todos os níveis. Um pouco por toda a África há cada vez mais quadros africanos formados que irão dar corpo a uma nova tendência historiográfica.

Neste período, intelectuais africanos começam a definir a sua própria concepção em relação ao passado africano buscando nele as fontes de uma identidade cultural negada pelo colonialismo. Tenta-se já uma História livre de mitos e de preconceitos subjectivos. Procura-se dar a produção histórica um novo impulso elevando-a ao nível da história de qualquer outra parte do mundo.

O início do Estudo da História da África noutros continentes constitui, igualmente, um factor importante para reestruturação da história Africana.

As independências dos países africanos a partir da década de 1960 criaram um renovado interesse pela África e uma considerável curiosidade popular.

A nova tendência historiográfica assume-se como intermédia entre o eurocentrismo e o afrocentrismo pois tenta fazer uma abordagem isenta de preconceitos, debruçando objectivamente sobre a evolução do continente antes, durante e após a dominação colonial do continente. Alguns chamam a esta corrente Progressista e outros Africanista.

Caixa do Tutor

A partir do século XIX, a história da África conheceu três correntes principais: O eurocentrismo, o afrocentrismo e ainda uma corrente intermédia – progressista – que tenta estabelecer um certo equilíbrio entre as duas primeiras claramente radicais em defesa dos objectivos que perseguem.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

A evolução da historiografia africana ocorreu de acordo a evolução das sociedades africanas no tempo e no espaço. Enquanto em algumas regiões, como o Egito, a escrita e a historiografia surgiu na Antiguidade e foi evoluindo ao longo dos tempos, em algumas regiões do continente, mesmo quando a escrita era generalizada continuava com um conhecimento muito fraco neste domínio.

Ao longo da evolução da historiografia africana revelaram-se três tendências ou correntes historiográficas – Eurocentrismo, Afrocentrismo e corrente progressista.

Caro aluno, chegou o momento para avaliar o seu ritmo de aprendizagem. Resolva, então, as actividades que a seguir te são propostas.

Actividades



Actividades

1. Eurocentrismo e Afrocentrismo são duas correntes da historiografia africana diferentes, e até antagónicas, mas equiparam-se pelo seu radicalismo e uma certa dose de racismo.
 - Concorda com a afirmação? Justifique a sua resposta.

Guia de Correção

1. Eurocentrismo e Afrocentrismo são duas correntes antagónicas na medida em que enquanto o eurocentrismo defende a supremacia europeia o afrocentrismo minimiza a influência europeia em África. Apesar dessa diferença ambas são racistas pois o eurocentrismo defende a superioridade da raça branca enquanto o afrocentrismo nega aos africanos a capacidade de se adaptar a novas realidades ao considerar que o contacto com os europeus não mudou nada entre os africanos.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Das diferentes correntes da historiografia Africana, a progressista é que é a que reveste de maior sentido de cientificidade e objectividade rumo a busca de uma verdadeira história da África.
 - Fundamente a afirmação.

A corrente progressista reveste-se de maior sentido de cientificidade e objectividade na medida em que faz uma abordagem isenta de preconceitos, debruçando objectivamente sobre a evolução do continente antes, durante e após a dominação colonial do continente.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 11

Problemas, Tarefas e Métodos da Historiografia Africana

Introdução

O estudo da história de África tem se mostrado particularmente difícil para os historiadores devido a uma série de factores. Entre esses factores temos a escassez das fontes, as deficiências em termos de cronologia, a predominância de mitos, etc. Esta realidade torna a reconstrução da história um verdadeiro desafio a quem a ela se dedicar.

Mas a história da África deve ser escrita.

Mas assim, como fazê-lo? Que tarefas se colocam ao historiador africano?

Procure ao longo desta lição as respostas a estas e outras perguntas.

Bom Trabalho!



Objectivos

Ao concluir esta lição você será capaz de:

- *Explicar* os problemas que se colocam para a reconstrução da História de África.
- *Indicar* as tarefas e métodos que são propostos à História de África

Problemas, Tarefas e métodos da Historiografia Africana

Os Problemas da historiografia Africana

Por razões que se prendem com o passado do continente colocam-se aos historiadores africanos vários obstáculos no processo de reconstrução da História de África. São dificuldades que se colocam em relação as fontes, a datação dos acontecimentos e também a influência dos mitos ou de estereótipos que perturbam o curso normal do trabalho do historiador.

Vejamus como cada um destes elementos constitui entrave ao trabalho do historiador.

As Fontes

Nas sociedades africanas a maioria da população e a aristocracia, tal como na Europa, era analfabeta, pelo que ler e escrever era do domínio dos escribas e monges.

Por este facto, o continente africano é bastante carente de fontes escritas, não se podendo, por isso, privilegiar este tipo de fontes para a reconstrução da História da África. As fontes disponíveis são as fontes antigas (egípcias, núbias, grego-latinas) árabes, europeu, africanas recentes (escritas por africanos ou europeus) asiáticas ou americanas.

A escassez de fontes escritas podia ser minimizada pelo recurso à arqueologia, mas existem, também, dificuldades para o uso da arqueologia devido a exiguidade de meios financeiros para suportar os custos das escavações e também a ausência de especialistas em diferentes ciências auxiliares à actividade arqueológica.

Cronologia

Uma das grandezas básicas para a reconstituição da História é o tempo. Entretanto para o caso de África são muito poucos os registos de datas referentes ao período anterior à nossa época.

Os africanos sempre consideraram o tempo e tentaram contá-lo, daí que certos reis, uma vez chegados ao poder depositavam anualmente num vaso, pepitas de ouro até a morte, o que permite contabilizar os anos de reinado.

Ora, este procedimento é insuficiente para uma correcta datação, pois apenas permite saber quanto tempo o rei esteve no poder ou quantas dinastias governaram um certo império. Entretanto não permite saber com precisão o momento em que os acontecimentos tiveram lugar.

Portanto, qualquer um que se lance na tarefa de reconstituir a história de África terá como obstáculo a deficiente datação dos acontecimentos.

Os Mitos

Outro grande problema da história africana é o dos mitos, ou seja, as diferentes ideias que influenciaram a evolução da historiografia africana.

Os diferentes povos que estiveram em África e as diferentes transformações sócio-políticas económicas e culturais levaram ao aparecimento de diferentes interpretações do passado africano, com repercussões na historiografia africana.

Um dos mitos foi a ideia defendida por *Hegel em 1830* e que se popularizou na época, defendendo que além da parte norte, a África não tem movimento histórico, é *a-histórica*. É uma corrente que acredita na passividade histórica dos povos africanos e dos povos negros em particular.

Esta forma de pensar influenciou sobremaneira a elaboração da história africana nos séculos XIX e XX falseando as perspectivas em favor duma concepção eurocêntrica da história, que se difundiu por todo o lado mesmo nos países que nunca tinham sido colonizados.

Hoje essa visão tende a desaparecer, contudo prevalece ainda em muitos historiadores tanto no ocidente como fora dele.

O período colonial e o pós-independência geraram, igualmente, novos pontos de vista e naturalmente que isso dificulta o estudo da história deste continente.

Portanto ao estudar a História da África o historiador deve estar sempre atento ao perigo de manipulação de fontes resultante da influência dos mitos.

Caixa do tutor

A escassez de fontes escritas, nas quais as informações mantêm-se inalteráveis, a deficiência de cronologia e a influência de certos estereótipos, são os principais problemas que dificultam o trabalho de reconstrução da História de África.

As Tarefas da História Africana

Entre os principais desafios dos historiadores africanos coloca-se a produção de uma história cada vez mais isenta e objectiva. Assim, uma das principais tarefas da história africana é a desmistificação da história.

Os historiadores africanos desde meados do século XX começaram a tentar construir uma história verídica do mundo, na qual a África e os outros continentes fossem vistos na mesma dimensão e ocupassem o seu verdadeiro lugar no plano internacional.

Para esta reversão o papel dos historiadores africanos é particularmente importante por ter sido a história da África a mais negligenciada e desfigurada pelo racismo nos finais do século XIX e princípio de XX.

O esforço tendente a descolonizar a história da África incluiu a modificação dos juízos de valor, invertendo os papéis entre os intervenientes da história da África. Os agentes coloniais que antes eram vistos como heróis ao serviço da civilização em marcha, passaram a cruéis exploradores, enquanto o africano passava a vítima inocente.

Os Métodos da Historiografia Africana

Tendo em conta as condições específicas do seu desenvolvimento, nos últimos anos a história de África caminhou a busca de novos métodos com vista a alcançar, no seu estudo, zonas não suficientemente exploradas.

Neste sentido há a destacar os progressos da história analítica (história de campo que não depende apenas dos arquivos) para a história colonial e pré-colonial cuja documentação é rara. O facto de os arquivos coloniais terem sido criados e mantidos por estrangeiros e, naturalmente, incorporarem os preconceitos dos seus autores, torna ainda mais importante a busca de métodos que libertem a história dos arquivos.

Portanto ao historiador africano impõe-se o recurso a outras fontes (que não as escritas) como a informação oral, sob o risco de chegar a resultados desastrosos.

Os historiadores de África fizeram um trabalho pioneiro neste âmbito ao se debruçarem sobre o período pré-colonial e colonial.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Apesar dos notáveis esforços na produção da História da África, os historiadores africanos, deparam-se quase sempre com entraves relacionados com a escassez e irregular distribuição das fontes escritas, o que conduz a outro problema, o da cronologia, bem como a influência dos mitos ou ideias preconcebidas que estorvam qualquer esforço de produzir um conhecimento isento e objectivo sobre a evolução do continente.

Diante desta realidade, aos historiadores africanos colocam-se desafios como a desmistificação da História recorrendo a exploração de fontes arqueológicas, e orais.

Terminada mais uma lição, realize as actividades que se seguem.

Actividades



Actividades

1. Um dos problemas que se colocam para a reconstrução da história africana é a influência dos mitos.
 - Analise a influência dos mitos na historiografia africana.
2. Tendo em conta os problemas da Historiografia Africana refira-se aos principais desafios que se colocam aos historiadores africanos

Guia de Correção

1. Os mitos exercem grande influência na reconstrução histórica, falseando as perspectivas em favor duma concepção preconcebida da história da História. Em muitos casos os historiadores começam o seu trabalho convencidos de uma certa ideia e por isso têm a tendência de pensar sempre naquela perspectiva e quando aparecem dados que sugerem algo diferente da sua ideia, já fixa, a tendência é desvalorizá-los. Por outro lado os dados que conduzem as suas ideias são sobrevalorizados. Assim surge sempre uma história deturpada.
2. Os principais desafios que se colocam à historiografia africana são os relacionados com a desmistificação da História, particularmente a sua descolonização, pois a História da África é quase sempre vista na perspectiva de apoio ou de contestação ao colonialismo. A grande referência para a história da África é a presença e a dominação colónial; isto deve ser combatido.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Continente africano é bastante carente de fontes escritas
 - a) Explique como é que a exiguidade das fontes escritas influencia a reconstrução da história da África.

2. Nos últimos anos a história de África caminhou a busca de novos métodos com vista a alcançar, no seu estudo, zonas não suficientemente exploradas.
 - b) Refira-se aos métodos da historiografia africana.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 12

Noções Sobre Metodologia da História

Introdução

A compreensão da ciência História impõe, antes de mais, saber como ela é feita, qual ou quais os seus objectos, quais as suas fontes, de que métodos se serve o historiador para a “fabricar”.

Como é que o historiador atinge os seus conhecimentos? Esta lição presta-se, pois, a dar respostas a todas essas perguntas. Siga-se a com atenção!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Definir* objecto e sujeito de estudo da História.
- *Explicar* a importância das fontes para a reconstrução da História.
- *Distinguir* os diferentes tipos de fontes.
- *Explicar* a importância das fontes orais para a reconstrução da História de África.

Noções sobre Metodologia da História

Objecto e Sujeito do Conhecimento Histórico

Segundo a teoria do conhecimento **objecto de conhecimento** são todos os fenómenos, processos e relações, que se estudam em determinada ciência. É aquilo de que a ciência se ocupa.

Agora, você perguntaria - Qual é o objecto de estudo da História? Ou, por outra, o que é que a História estuda?

Vejamos o que diz Marc Bloch:

“O Objecto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor os homens”.

E acrescenta:

“ A História é ciência dos homens” disseram nós. (...) Temos de acrescentar: “dos homens no tempo”.

Portanto, seguindo o pensamento de Bloch diríamos que o objecto da história são “os homens no tempo”.

O passado dos homens ou então a evolução dos homens no tempo é, portanto, o objecto da história, mas deve se acrescentar a componente espacial pois, em história, o homem deve ser estudado nos quadros da sociedade de que é membro.

O sujeito do conhecimento: É o espírito que conhece em relação ao objecto conhecido, quem exerce o conhecimento real, que vive e actua em condições históricas concretas; é o homem, o historiador.

Objecto e sujeito são portanto os dois elementos principais do conhecimento. O conhecimento pressupõe sempre a existência destas duas componentes. Não se pode falar de conhecimento se um deles, ou ambos, não existir.

As Fontes Históricas

A história, como conhecimento do passado humano, não pode atingir directamente o passado, mas apenas através de vestígios que esse passado deixou e que servem de base ao trabalho do historiador.

Os materiais de que o historiador se serve para *revisitar* o passado recebem as mais variadas designações tais como vestígios, monumentos, testemunhos, documentos, fontes.

A seguir vamos ver o conceito de documento, segundo dois autores.

Primeiro vamos ver na acepção de Lucien Febvre:

"... Este diz respeito a tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, está ao serviço do homem, exprime o homem, significa a presença, a actividade, os gostos, as maneiras do ser do homem" (Lucien Febvre).

Por sua vez Pierre Salmon diz:

"o documento histórico é o intermediário entre o passado e o historiador, é o espelho da verdade histórica... mas quantas vezes um espelho deformador"

Partindo destas duas definições, você, pode perceber que documento ou fonte histórica refere-se a tudo quanto nos possa informar sobre o passado. Não existe forma definida sob a qual se apresenta o documento. Tudo aquilo que exprime o homem, um indício que revela a presença, actividade, sentimentos, mentalidade do homem.

Os Tipos de Fontes

É muito difícil determinar onde começa e onde acaba o documento, pois a sua noção alarga-se progressivamente e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem, sinais, palavras, paisagens, etc.

"Tudo o que nos pode informar sobre o passado dos homens pode ser fonte histórica".

Portanto podem se identificar diferentes tipos de fontes históricas: escritas, figuradas, orais e gravados ou audiovisuais.

Veja, caro aluno, cada uma das fontes.

As fontes Escritas – incluem materiais manuscritos ou impressos, como inscrições, jornais, cartas, documentos oficiais, etc. A sua diversidade faz com que elas também possam ser discriminadas em:

- **Epigráficas** - gravadas em materiais duros como a pedra, o bronze, ou a cerâmica. Geralmente são textos curtos, com fins comemorativos, funerários, etc. São úteis na ausência ou escassez de outro tipo de fontes.
- **Arquivísticas ou Diplomáticas:** são os documentos de carácter oficial (diplomas, tratados, etc); ou de carácter jurídico (escrituras notariais, actas de assembleias, inventários, sentenças, registos paroquiais, Legislação geral ou especial, documentação geral, etc).
- **Literários ou Narrativas:** Livros, oratória, anais e crónicas, hagiografias, narrativas diversas.

Fontes Materiais ou Arqueológicas – são os vestígios materiais do homem (fósseis, restos de utensílios domésticos, monumentos, objectos de arte, ou paisagens com marcas dos homens que a trabalharam).

Repare, caro aluno, que todos os achados, à frente do arqueólogo, constituem autênticos testemunhos mudos, isto é, têm algo a dizer sobre como viviam os seus possuidores.

Até cerca do 3^o milénio a.C., não existiam testemunhos escritos pelo que é extremamente difícil se vislumbrar o que ocorreu de concreto com os nossos antepassados. Graças às escavações arqueológicas, é possível ter uma imagem de como devem ter vivido os povos do passado.

Como certamente deve saber, caro aluno, África, o nosso continente, particularmente a sul do Saara conheceu muito tardiamente a escrita. Além disso, ainda existem vastas regiões da África onde os níveis de analfabetismo continuam bastante elevados. Portanto para o estudo do passado do continente africano esta categoria de fontes revela-se ainda mais importante até para períodos relativamente recentes.

Não se pense porém que o recurso à arqueologia resolve definitivamente o problema da falta de fontes. Nem todos os aspectos da vida dos nossos antepassados podem ser hoje conhecidos a partir dos vestígios materiais, pois em muitos casos os materiais de que se serviam - a madeira, peles dos animais, etc. já desapareceram.

Você sabia que interpretar os testemunhos arqueológicos não é uma tarefa fácil? Razão pela qual o historiador é obrigado a recorrer a algumas disciplinas auxiliares tais como a Numismática ("ciência das moedas" que permite elucidar questões dos domínios político económico, social e cultural) bem como a Sigilografia ou Esfragística ("ciência dos selos" usados como sinal pessoal de autoridade e de propriedade)

A Datação pelo Carbono 14

Os tempos pré-históricos são sem dúvidas os que maiores problemas acarretam no seu estudo, devido a escassez de documentos escritos. Assim, o estudo desses tempos tem sido possibilitado pela chamada datação pelo Carbono 14.

Pois bem, em que é que consiste este método?

Veja, a seguir como é que funciona o carbono 14.

Todos os seres contêm, enquanto vivos, uma quantidade constante de Carbono Radioactivo (C14) que pode ser medida. Após a morte cessa a acumulação do C14 e com o tempo vai diminuindo em proporção sempre igual, até desaparecer totalmente. Assim pela análise do C14 existente é possível calcular a época em que o organismo morreu, desde que se tenha conservado sem contaminação.

Deste modo consegue-se avaliar com notável precisão o período em que foram utilizados materiais como madeiras, carvão vegetal, couros, tecidos, conchas marfim, etc.

As Fontes Orais

De um modo geral, fontes orais podem ser definidas como o conjunto de informações transmitidas de geração em geração sob a forma de conto, lenda e outras formas. O seu objectivo fundamental é transmitir a memória dos antepassados.

As fontes orais têm particular importância para o estudo da História da África. Senão vejamos...

Durante toda a antiguidade e idade média até ao século XV, a África não conhece a escrita, exceptuando algumas regiões do norte do continente. Mesmo para períodos mais recentes uma grande percentagem da população é ainda analfabeta. O recurso à arqueologia também não pode ainda resolver o problema da falta de fontes pois é ainda muito fraca a capacidade financeira e técnica para explorar este tipos de fontes.

Um dos inconvenientes deste tipo de fontes é a perigo de deturpação da informação quer por esquecimento quer intencionalmente. Por outro lado, elas pecam por carecerem de um suporte material.

Documentos gravados ou audiovisuais - Transmitido por sons ou imagens (fita magnética, disco, cilindro, desenho, pintura, mapa fotografia, filme, microfilme, etc).

Além da classificação baseada na forma em que as fontes se apresentam, estas podem também ser classificadas de com a intencionalidade, em:

Conscientes - Quando redigidos por homens que dizem ter assistido ou participado nos factos relatados ou que se julgam capazes de os narrar com exactidão.

Inconscientes - Vestígios deixados pelos factos independentemente da vontade dos homens que neles intervieram.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Definir objecto e sujeito de estudo da História. Segundo a História nova o objecto de estudo da História pode ser definido como “os Homens no tempo”. O historiador, o autor do conhecimento histórico é designado, segundo a teoria do conhecimento, sujeito do conhecimento.

As fontes históricas revestem-se de grande importância na reconstrução da História na medida em que são elas que ligam o historiador ao passado. Sem elas não pode o historiador atingir o passado, objecto do seu estudo.

De acordo com a forma sob a qual se apresentam, podem se distinguir diferentes tipos de fontes, nomeadamente escritas, arqueológicas, audiovisuais e orais.

A escassez de fontes escritas aliada as dificuldades de explorar plenamente a arqueologia torna as fontes orais particularmente importantes na História da África por serem as únicas existentes em quantidades consideráveis para vários períodos da História do continente.

Tendo terminado o seu estudo sobre a problemática das fontes históricas sugerimos, a seguir, algumas actividades para a consolidação das matérias estudadas.

Actividades



Actividades

1. Defina o objecto do estudo da História segundo Marc Bloch.
2. Assinale com um x a afirmação verdadeira.
Tempo e espaço são as dimensões principais da história porque:
 - a) A História estuda a vida dos homens e suas realizações ao longo dos tempos
 - b) A História é a ciência que estuda os homens no tempo e no espaço.
 - c) O tempo é o espaço imaginário no qual ocorrem os factos
 - d) Todos os acontecimentos têm expressão espacial.
3. Assinale com umas V as afirmações verdadeiras e F as falsas
 - a) Heurística é um procedimento que consiste na crítica aos documentos para verificar em que medida os factos recolhidos respondem as questões colocadas
 - b) Heurística é a selecção ou procura das fontes
 - c) A Heurística tem por finalidade apurar a proveniência e autenticidade das fontes
 - d) Mais do que uma operação mecânica, a Heurística é uma acção intelectual visando fazer surgir as fontes.
 - e) A hermenêutica faz parte da crítica externa
 - f) A hermenêutica é a selecção ou procura das fontes
 - g) Hermenêutica é um procedimento que consiste na crítica aos documentos para verificar em que medida os factos recolhidos respondem as questões colocadas
 - h) A hermenêutica é uma das componentes da heurística

Guia de Correção

1. Segundo Marc Bloch o objecto de estudo da História é “os homens no tempo”
2. b)

a) F	c) F	e) F	g) V
b) V	d) V	f) F	h) F

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. *A História faz-se, sem dúvida, com documentos escritos, quando os há. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, se estes não existirem”(...)* **Lucien Febvre**

- Justifica a afirmação

2. Assinale com um x a afirmação verdadeira

Análise e Síntese são procedimentos diferentes na medida em que:

- a) Enquanto na análise o historiador faz a recolha e verificação das informações no sentido de apurar sua autenticidade e credibilidade, na síntese interpretam-se os factos recolhidos procurando dar-lhes um sentido.
- b) Embora consistindo das mesmas operações realizam-se em momentos de estudo diferentes.
- c) Análise é feita pelo historiador e a síntese pelo sociólogo.
- d) As duas operações são feitas por pessoas diferentes.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 13

O Facto e Tempo Histórico

Introdução

Facto histórico e tempo histórico são dois conceitos sempre presentes quando se fala em História. Enquanto o facto histórico consiste o elemento chave de todo o processo de reconstrução da História, o tempo é que confere historicidade aos factos. Vamos pois nesta lição debruçar-nos em torno destas matérias. Bom estudo!

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- Definir facto histórico
- Expor o conceito geral de tempo
- Definir Tempo histórico segundo Fernand Braudel
- Distinguir Sincronia de Diacronia

O Facto e Tempo Histórico

O Facto Histórico

Na lição 12 deste você estudou a noção de documento histórico que foi definido como "*Tudo o que nos pode informar sobre o passado dos homens*". Mas o documento histórico não nos fornece o conhecimento em si. Ele revela-nos factos do passado com base nos quais o historiador trabalhar para interpretar o passado - produzir o conhecimento do passado.

Ora bem, o que é então um facto histórico?

O facto é algo ou um acontecimento que se verifica podendo ser descrito de uma forma precisa, medido, avaliado. O facto pode ser uma acção realizada pelo homem ou não. Portanto acções realizadas pelo Homem como a assinatura do acordo de reversão da Barragem de Cahora Bassa para Moçambique ou a elevação da Baía de Pemba à categoria de Património Mundial da Humanidade, podem ser considerados factos históricos. Mas também podem ser considerados factos históricos acontecimentos que não sejam obra do Homem como por exemplo a ocorrência de cheias no ano 2000, ou ocorrência de um sismo.

Portanto, em termos históricos, o facto histórico é todo o acontecimento que deixa marcas no pensamento do homem, na sociedade, e na humanidade em geral.

Você sabia que nem todo o acontecimento é um facto histórico? Pois é, o facto histórico distingue-se de outros acontecimentos pelo seu carácter irreversível, espacial e temporal, para significar que os acontecimentos históricos não se repetem tal como se deram e que se localizam no tempo e no espaço.

O Tempo histórico

Como poderíamos definir este novo conceito que nos aparece?

Comecemos por ver algumas ideias a respeito desta noção:

De acordo com a Dicionário “ Editora "da língua portuguesa

"...é o meio indefinido e homogéneo no qual se desenvolvem os acontecimentos sucessivos; parte da duração ocupada por acontecimentos;(..."

Marc Bloch, em **Introdução à história** debruçou-se sobre o tempo nos seguintes termos:

" (...) É certo ser difícil imaginar uma ciência seja ela qual for, que possa abstrair do tempo. Contudo, para muitas delas que, por convenção, o fragmentam em partes artificialmente homogéneas, o tempo não é mais do que uma medida (...) o tempo da história é (...) o próprio plasma em que banham os fenómenos, é como que o lugar da sua inteligibilidade".

O que pensam os autores, não fica por aqui. Filipe Rocha deu também a sua ideia e foi mais expressivo ao afirmar:

"Atrevo-me a declarar sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro e, se agora nada existisse, não teríamos tempo presente". e observa: "os corpos só se podem mover no tempo (...)"

Observando o conteúdo dos extractos pode perceber, caro aluno, que “ a palavra *tempo*” designa um determinado espaço indefinido e homogéneo no qual decorrem os fenómenos. Ele é parte intrínseca dos fenómenos. É nele que se enriquecem os fenómenos tornando-se inteligíveis.

A seguir você vai ver como é que é medido o tempo histórico.

A Medição do Tempo Histórico

Estrutura e Conjuntura

Um dos historiadores que mais reflectiu sobre o tempo histórico foi Fernand Braudel. Para Braudel o tempo histórico não obedece a sequência do calendário, mas sim a sequência, mudança ou permanência dos fenómenos. Por essa razão, ele propunha uma dimensão tripla do tempo histórico, nomeadamente o tempo curto, o tempo médio e o tempo longo.

Curta duração refere-se aos acontecimentos ou eventos e, o seu estudo não carece de análise e investigação profundas.

Tempo médio ou **média duração** - é o tempo das conjunturas ou seja das pequenas ou curtas variações cíclicas.

Conjuntura - É o cruzamento em dado momento de todas as componentes da vida. Por conjuntura entende-se, sobretudo, movimento: altas e baixas de produção, oscilação dos preços, etc.

O tempo longo ou longa duração é referente às grandes mudanças ou grandes permanências. É o tempo das estruturas.

Estrutura - Designa essencialmente as formas e actividades relativamente estáveis, nas relações de proporções, nas dimensões relativas, nas relações entre as forças produtivas. Permanecem constantes durante um longo período ou evoluem de uma maneira imperceptível.

Por outras palavras são as estruturas que servem de marco para a determinação dos períodos históricos por que passou a humanidade.

Outros conceitos importantes, na história, são os de Sincronia e Diacronia. Preste atenção a eles.

Sincronia e Diacronia

O que caracteriza a História é, em primeiro lugar, a dinâmica da duração. Neste sentido torna-se necessário ao historiador a referência ao tempo histórico, que pode ser, segundo, F. Braudel, o tempo curto, o tempo da conjuntura que abarca alguns anos, uma ou várias gerações, o tempo longo das estruturas, das permanências.

Tendo como base o conceito de tempo de Braudel, o historiador pode situar no tempo a explicação histórica seguindo duas posições metodológicas:

1. **Sincronia** – que consiste em fazer cortes horizontais no tempo e verificar numa mesma época a conjugação dos diversos fenómenos sociais, económicos, políticos, mentais, etc., que dêem a compreensão dessa época. Na sincronia as relações ou conexões entre os acontecimentos de momentos diferentes não têm espaço. Analisa-se apenas o momento. É como se fizesse a fotografia do momento em análise. Por exemplo se considerarmos o período da Luta armada de Libertação Nacional temos um momento em que descrevemos os acontecimentos ligados aquele fenómeno como as batalhas, as condições de vida das zonas afectadas, ou o decréscimo da economia, mas sem nunca relacionarmos esses factos com tudo quanto tenha ocorrido noutros lugares ou épocas anteriores.
2. **Diacronia** – é a análise do processo de evolução dos fenómenos num período mais ou menos longo, procurando captar as camadas mais profundas do passado humano, numa perspectiva mais dinâmica. Aqui analisa-se os fenómenos tendo em conta aqueles que os antecederam e as suas implicações. Analisa-se o processo todo e, não determinado momento isolado.

O historiador deve referir o seu estudo histórico a uma determinada duração, sem o que cairia na acronia. Não pode, por outro lado, deixar-se levar pela tentação de aplicar a certas épocas históricas aquilo que só se verifica noutras, pois cairia na anacronia, que, segundo Le Febvre, é o "pecado original dos historiadores".

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Para a reconstrução do passado é primordial retirar das fontes os chamados factos históricos. Estes são acontecimentos únicos, irreversíveis e localizáveis no espaço e no tempo.

Por outro lado o conhecimento histórico, é indissociável do tempo. É o tempo que dá ao acontecimento o sentido histórico, o sentido de evolução.

Segundo Braudel, mais do que o tempo cronológico, o tempo histórico é nos dados pela sequência mudança ou permanência dos acontecimentos. Daqui resulta que o tempo histórico tem uma dimensão tripla – o tempo curto, o tempo médio e o tempo longo.

Para a leitura dos acontecimentos na sua dimensão social é imprescindível o recurso a Diacronia e Sincronia.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vai em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Define facto histórico.
2. Distingue as três dimensões de tempo histórico

Guia de Correção

1. Facto histórico é todo o acontecimento que deixa marcas no pensamento do homem, na sociedade, e na humanidade em geral.
2. As três dimensões de tempo histórico são o tempo curto, o tempo médio e o tempo longo.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Diferencie a Sincronia da Diacronia
2. Porque é que é sempre importante que o historiador insira o seu estudo numa certa duração?

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 14

Os métodos da História

Introdução

O estudo da História, como de qualquer outra ciência, obedece a um conjunto de regras, procedimentos e meios, ou seja, obedece a um método. No caso da História quais são os métodos? Em que consiste cada um desses métodos?

Na presente lição você verá respondidas estas e outras questões relacionadas com os métodos específicos da História.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- *Explicar a importância do método em História e na ciência em geral.*
- *Explicar os diferentes procedimentos metodológicos em História.*
- *Relacionar a nova tendência de evolução da História com a interdisciplinaridade.*
- *Analisar o lugar da História entre as ciências.*

Os Métodos da História

O Método

Qualquer ciência só se afirma como tal por possuir um método próprio, que a distingue das demais áreas de conhecimento. Mas o que é o método?

Método pode ser definido como um conjunto de regras e normas que dizem respeito ao próprio desenrolar da cognição científica e que o cientista aplica conscientemente em conformidade com as variedades das tarefas da pesquisa. Os passos que se deve seguir para chegar ao conhecimento.

Importância do Método

O estudo metodológico de uma disciplina permite que o estudante não assimile mecanicamente o conteúdo da disciplina, mas desenvolva nele a iniciativa e a actividade criadora, aliadas com o desejo de aprender cada vez mais os fenómenos da natureza, da sociedade e do próprio homem.

Os Métodos Específicos a História

Tal como qualquer outra disciplina científica, a História possui os seus métodos específicos. Em História a acção do historiador incide particularmente sobre os documentos, a fonte em que se encontra o retrato do passado. Mas que trabalho se faz sobre as fontes? Transcrição do seu conteúdo? Reprodução do que as fontes contêm? Nada disso! O documento é apenas o meio, o veículo que nos faz chegar ao passado.

"Nós não estudamos um documento por ele mesmo, mas esperamos atingir, através dele, o passado"

Diante das fontes é preciso analisá-las, interpretá-las, para que nos revelem tudo quanto têm sobre o passado. Não para que possamos reproduzir o passado mas, para que possamos compreender, interpretar e explicar o passado.

Já na antiguidade, Tucídides referia-se aos métodos nessa perspectiva, ao afirmar:

"Pensei nada dever escrever sem ter submetido à investigação mais exacta cada um dos factos usando maior rigor tanto para o que eu próprio tinha visto, como para o que conhecia por ter ouvido"

Por seu turno R. G. Collingwood foi mais elucidativo em relação a necessidade da interpretação das fontes:

"A história actua através da interpretação das provas, que são a expressão colectiva das coisas, que singularmente se chamam documentos."

Portanto a construção histórica pressupõe a existência de factos, o que significa que o trabalho do historiador não se desenrola senão em volta desses mesmos factos ou acontecimentos, consistindo na sua **análise** com procedimentos (métodos) próprios e com fins específicos.

Em geral a ciência histórica socorre-se da heurística, crítica, e síntese.

A) **Heurística** – é a procura de documentos, ou seja, o processo de recolha de fontes históricas. Mas atenção, caro aluno, quando se fala em recolha de fontes não se refere ao acto mecânico de transportar as fontes locais para o outro. É, sim, uma acção intelectual de identificar as fontes necessárias para se poder realizar determinado trabalho. É preciso notar que documento não será tudo o que documento determinado assunto, precisamos identificar os mais reveladores os mais úteis para a perspectiva de análise que se pretende. Para isso impõe-se que o historiador seja capaz de *"elaborar melhor um programa prático de pesquisas permitindo encontrar, fazer surgir os documentos mais numerosos, os mais seguros, os mais reveladores"*.

Portanto a Heurística é uma arte com as suas regras, instrumentos, modos de trabalhar, por isso para se ser historiador requiere-se um certo tacto, perícia. Muitas vezes os documentos só se revelam quando o historiador os reclama, procura, faz surgir por meio de engenhosos processos para isso imaginado.

A selecção de fontes inclui a exploração da bibliografia do tema a abordar. Portanto, no início do seu trabalho, o historiador deve ler tudo quanto existe sobre o assunto que vai tratar de modo a que, evite

repetições desnecessárias e possa se orientar com os predecessores o género de fontes que poderá encontrar sobre o tema.

B) **Crítica** em presença dos documentos o historiador preocupa-se em compreendê-los. Para isso deve escutá-los, deixá-los falar, dar-lhes a possibilidade de se revelar como são.

A crítica desdobra-se em duas operações:

- **Crítica externa** que compreende:

crítica de autenticidade - para se certificar se a fonte chegou ao historiador sem ter sofrido mutilações ou deturpação do seu conteúdo. Se o documento é autêntico ou não.

crítica de proveniência - o historiador confronta a fonte com outras que abordam problemas similares, para tentar encontrar respostas às perguntas: quem redigiu o documento? Quando? Onde? Como? Como é que o documento chegou até nós.

- **Crítica interna** que se subdivide em:

crítica de credibilidade em que o historiador procura verificar a sinceridade, competência e exactidão do documento.

crítica de interpretação - o historiador procura detectar o que o autor da fonte disse ou quis dizer;

A crítica interna inclui à **Hermenéutica**. Esta Consiste na interpretação dos documentos com o fim de saber em que medida é que a informação fornecida responde à questões colocadas inicialmente. Com efeito, feita a crítica dos documentos e, portanto, apurada a sua autenticidade e credibilidade o historiador fica diante de uma gama de informações, mas não de um conjunto de respostas à questões por si colocadas. Deste modo impõe-se a selecção das informações que permitam construir a resposta desejada.

C- **A Síntese Histórica**: (do grego "synthesi, composição): junção material ou mental das partes, aspectos de um objecto, o que permite revelar os seus nexos internos, indispensáveis e desta forma as leis inerentes a este objecto; reconstrução dos factos históricos na sua complexidade.

A investigação histórica deverá ter, como fim lógico, a elaboração de um trabalho cujo epílogo se concretiza através da síntese a reconstituição dos factos na sua complexidade.

A crítica, externa e interna, dá-nos apenas factos isolados e muitas vezes heteróclitos. Torna-se pois, necessário repor esses factos isolados no seu contexto e sequência lógica, com os seus antecedentes e as suas repercussões fazendo deles um todo com uma significação própria. É a verdadeira construção histórica.

De acordo com a amplitude do estudo realizado podem se identificar vários tipos de síntese ou construção histórica:

- **Biografia**- História dum homem
- **Monografia**- História duma região, duma guerra, dum período, dum país,etc.

- **História geral**- Num ou em todos os seus aspectos (político, económico, social, institucional, cultural, religioso, técnico e psicológico).
- **História comparativa e a filosofia da história**- Procura induzir leis gerais dum conjunto de factos e que tende frequentemente a adoptar a forma de história universal.

A História Entre as Ciências

A Interdisciplinaridade

Que lugar ocupa a História no sistema das ciências?

A tendência actual de uma história total baseada na longa duração impõe à história um diálogo com as restantes ciências sociais e humanas, a interdisciplinaridade, a fim de captar o social sua totalidade.

Se a história deve falar da vida política, económica, social

A ideia de uma História total, que aborde o Homem sob diversos aspectos da sua vida, só pode ser materializada com recurso a conhecimento de outras ciências.

Mas a História não se limita a buscar subsídios das outras ciências. Ela também contribui para o desenvolvimento das mesmas transmitindo-lhe a dinâmica da duração

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

Por método entende-se um conjunto de regras e normas ou simplesmente os passos que se deve seguir para chegar ao conhecimento.

A observância do método permite que o estudante desenvolva no conteúdo da disciplina a iniciativa e a actividade criadora.

A História possui os seus métodos específicos, nomeadamente a Heurística, Crítica (externa e interna) Hermenéutica (faz parte da crítica interna) e a Síntese.

Outro procedimento importante na reconstrução histórica é a Interdisciplinaridade, que resulta da tendência actual de uma história total baseada na longa duração e que impõe à história um diálogo com as restantes ciências sociais e humanas, a fim de captar o social sua totalidade.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter a Correspondência correcta entre os métodos e respectiva definição

1. Heurística	A. Verifica se a fonte chegou ao historiador sem ter sofrido mutilações ou deturpação do seu conteúdo. Se o documento é autêntico ou não.
	B. Interpreta os documentos com o fim de saber em que medida é que a informação fornecida responde à questões colocadas inicialmente.
2. Hermenéutica	C. Procura verificar a sinceridade, competência e exactidão do documento.
3. Crítica externa	D. Procura de documentos,
4. Crítica interna	E. Tenta encontrar respostas às perguntas: quem redigiu o documento? Quando? Onde? Como? Como é que o documento chegou até nós.

Guia de Correção

- | | |
|------|----------|
| 1. D | 3. A.; E |
| 2. B | 4. C |

Avaliação



Avaliação

1. No âmbito da Crítica Histórica que nome se dá a selecção das fontes?
2. Em que fase da crítica histórica o historiador se preocupa em verificar a veracidade da mensagem contida no documento?
3. *“Apoiadas umas nas outras, as ciências podem constituir não só um precioso instrumento de interpretação dos processos, como também de previsão dos acontecimentos, da troca de ideias e de experiências”.*
 - a) Indica cinco ciências auxiliares da história

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Lição 15

Noções de Epistemologia da História

Introdução

Em História como em outras ciências levantam – se questões que alimentam discussões entre os profissionais da área e não só.

Hoje em dia, discute-se a questão da cientificidade da disciplina de História, a questão da verdade em História, entre outras.

Ora bem, esta última lição do módulo vai se debruçar sobre estas questões para você ter uma idéia geral das discussões à volta desta matéria.

Assim, espera-se que no fim do estudo desta lição, você tenha a sua própria ideia em torno das matérias em estudo.

Acompanhe atentamente a lição.

Ao concluir esta lição você será capaz de:



Objectivos

- Analisar *a relação entre objecto e sujeito na produção do conhecimento.*
- Explicar *o carácter gradual da produção do conhecimento histórico.*
- Distinguir *as fases de construção do conhecimento.*
- Explicar *os factores da relatividade do conhecimento histórico.*

Noções sobre Epistemologia da História

O que é Epistemologia?

Caro estudante, preste atenção a esta matéria! Nada de pessimismo em relação ao estudo. Nada é difícil, tudo depende da nossa predisposição, vontade e energia para aprender.

Por Epistemologia entende-se a Disciplina que trata dos problemas filosóficos postos pela ciência, particularmente do valor do conhecimento científico.

Pois bem, para podermos abordar correctamente as questões relacionadas com o conhecimento científico primeiro precisamos ter uma ideia sobre o que é conhecimento. Veja então a seguir.



Origem e Natureza do Conhecimento

Você como definiria conhecimento, caro estudante?

Conhecimento pode ser definido como o reflexo activo e devidamente orientado do mundo objectivo e das suas actividades no cérebro humano. Produz - se através dos órgãos dos sentidos, do sistema nervoso e do cérebro em particular.

A seguir conheça as etapas de produção do conhecimento.

Etapas da Produção do Conhecimento

1ª Fase – Conhecimento Concreto ou Sensorial

O homem capta a realidade que o circunda através dos órgãos sensoriais: visão, olfacto, audição, gosto e tacto. O seu cérebro responde, da forma mais fiel, a Realidade, e fixa-a através da **memória**.

A realidade vivida, uma vez captada e assimilada pelos diversos órgãos sensoriais, passa a fazer parte do conhecimento. Nesta primeira fase temos o conhecimento concreto ou sensorial, porque resulta da apreensão directa da realidade pelos órgãos dos sentidos.

Entretanto, o homem com a ajuda de instrumentos científicos, pode ainda dilatar o conhecimento sensorial, redundando em seu próprio benefício.

2ª Fase - O cérebro trabalha os conhecimentos já adquiridos. Analisa-os, relaciona-os e transforma-os em ideias.

O conhecimento eleva-se do particular ao geral. Por conseguinte, chama-se conhecimento lógico ou conhecimento abstracto.

A relação entre conhecimento sensorial e lógico

O conhecimento sensorial e o conhecimento abstracto interpenetram-se. O conhecimento sensorial é incapaz de revelar a natureza íntima das coisas, a sua essência e as leis do seu desenvolvimento. Com a ajuda dos órgãos dos sentidos é possível contemplarmos uma lâmpada eléctrica, mas não se pode imaginar que a corrente eléctrica é um fluxo de electrões que se movem a determinada velocidade.

Por meio dos sentidos não se pode perceber o movimento das partículas "elementares" e muitos outros fenómenos complementares da natureza e da vida social. É sabido também que o conhecimento das leis, das essências das coisas e das leis, podem servir de guia ao homem na sua actividade prática. É aí que o pensamento abstracto ou lógico, entra em sua ajuda.

Por outras palavras, o conhecimento lógico é uma etapa qualitativamente nova e superior no desenvolvimento do conhecimento. O seu papel consiste em revelar as propriedades e os traços principais do objecto.

Na fase do pensamento lógico, são conhecidas as leis de desenvolvimento da realidade tão necessária na sua actividade prática. O conhecimento lógico e o sensorial formam, por conseguinte, uma unidade, complementando-se um ao outro, enriquecendo-se reciprocamente. Não se pode subestimar tanto as indicações dos sentidos como as conclusões da razão.

No entanto, os representantes do empirismo, subestimam o papel do pensamento abstracto no conhecimento; consideram que somente a experiência sensorial dá ao homem o verdadeiro quadro do mundo.

Partindo do facto de que as noções não têm evidência sensorial, os empíricos afirmam que na realidade nada corresponde às noções, que elas são fruto da fantasia do homem.

Em contrapartida, os racionalistas não acreditam nos órgãos dos sentidos e consideram a razão e o pensamento abstracto a única fonte do verdadeiro conhecimento. Os racionalistas subestimam o papel do conhecimento sensorial e consideram que o homem é capaz de conhecer o mundo de forma puramente intuitiva, fora de qualquer experiência.

3ª Fase (é numeração de que?)- Na nossa abordagem à problemática do conhecimento vimos que as primeiras etapas deste compreendem o conhecimento sensorial e o abstracto. Contudo não a esse nível que ele termina, a sua formação prossegue até níveis mais elevados, nomeadamente a percepção e a representação.

A percepção é a forma mais alta do conhecimento sensorial. Reflecte o objecto na integridade sensorial imediata, no conjunto dos seus aspectos e particularidades externas.

A representação é a reprodução na consciência do homem de algo que foi percebido anteriormente: a reprodução de acontecimento, agradável ou desagradável.

A Prática como Suporte do Conhecimento

"... a fé, se não tiver obras, está morta em si mesma" (Tiago, 2:17)

A experiência acumulada ao longo dos séculos, confirma a transcrição supracitada. O Conhecimento sensorial e o abstracto são unidos: reflectem o mesmo mundo natural e cuja base é a prática da humanidade. Ambos graus de conhecimentos têm uma base filosófica- o sistema nervoso do homem.

A prática corresponde a actividade dos homens cuja finalidade é transformar a natureza e a sociedade em seu proveito. A sua essência é o trabalho, que fomenta a produção material e espiritual. É ainda o principal eixo da luta política e a de classes sociais, assim como a experimentação científica.

A prática constitui o ponto de partida e a base do conhecimento.



É já de domínio comum que desde a antiguidade, o homem sentiu a necessidade de ter que trabalhar para obter os meios da sua subsistência. No decorrer do processo produtivo confronta-se, frequentes vezes, com as forças da natureza que, gradualmente, as ia conhecendo e vencendo, transformando-as e pondo-as ao seu serviço.

O desenvolvimento da produção, ia, entretanto, exigindo, crescentemente mais novos conhecimentos. Já em períodos anteriores, o homem viu-se na contingência de medir áreas de terra, contar os instrumentos de trabalho e os produtos fabricados. Na sequência disso surgiram os primeiros conhecimentos, por exemplo, a matemática. O homem edificou casas, estradas, sistemas de irrigação e outros empreendimentos. Tudo isto implicava o conhecimento das leis da mecânica. Assim, sob o impulso das necessidades práticas, desenvolviam-se as capacidades mentais do homem o que fez surgirem as ciências. A prática serve também de base do aparecimento das ciências sociais.

Em definitivo a prática apetrecha o conhecimento científico com aparelhos, instrumentos e equipamentos e deste modo contribui para os êxitos dos conhecimentos.

A questão da verdade em História

Verdade designa aquilo que é firme, digno de confiança, estável, fiel, verdadeiro ou facto estabelecido; aquilo que se ajusta aos factos ou ao que é direito e apropriado; conformidade entre o pensamento ou a sua expressão e o objecto de pensamento; coisa certa e verdadeira; a verdade como conhecimento que corresponde à ligações e leis essenciais da realidade objectiva.

Há vários tipos de verdade, mas a nós interessa dois tipos de verdade:

- ✓ **A verdade relativa**, que é a correspondência incompleta do conhecimento, a realidade.
- ✓ **A verdade absoluta**, é a verdade precisamente objectiva na sua plena integridade; é o reflexo absolutamente da realidade. A verdade absoluta põe em destaque a cognição incluindo a cognição científica e o processo histórico da prática.

Mas vamos lá, de que depende a verdade? Do homem ou do objecto?

Dois sistemas filosóficos apresentam soluções divergentes:

A verdade é subjectiva e depende do homem que determina, ele próprio, a veracidade dos seus conhecimentos sem levar em conta a situação real das coisas- Concepção Idealista.

Baseando-se nas conquistas da ciência e da prática secular do homem, afirma a **Concepção Materialista** que a verdade é **objectiva**, uma vez que ela reflecte o mundo que existe objectivamente, o seu conteúdo não depende da consciência do homem.

Como o homem conhece a verdade objectiva? De uma vez? Na íntegra? A solução é nos dada por aquilo que é chamado correlação entre a verdade absoluta e a verdade relativa. As diferenças entre a verdade absoluta e a relativa, devem-se ao facto de que o grau de correspondência dos conhecimentos com a realidade e o grau de penetração do intelecto na realidade, **não** são iguais.

Alguns conhecimentos correspondem à realidade na íntegra, de forma absolutamente exacta, enquanto noutros apenas parcialmente.

A verdade absoluta é precisamente a verdade objectiva na sua plena integridade, é o reflexo absoluto da realidade.

A verdade absoluta pode, por um lado, ser conhecida na íntegra, pois não existem coisas incognoscíveis, não existe limite para a capacidade cognitiva do intelecto humano, e, por outro, não se pode conhecer a verdade absoluta logo de uma vez, na íntegra: só pode ser alcançada no processo infinito do conhecimento.

Cada nova conquista da ciência aproxima o homem do conhecimento da verdade absoluta; permite-lhe conhecer novos e novos elementos da verdade, seus novos elementos e aspectos. O progresso do homem, no domínio do conhecimento, consiste precisamente em que o homem, ao conhecer as verdades relativas, conheça também a verdade absoluta.

O conhecimento é, por conseguinte, ao mesmo tempo absoluto e relativo. É relativo porque não é completo, desenvolve-se e aprofunda-se, descobrindo novos aspectos da realidade. É absoluto, porque contém os elementos do conhecimento eterno e absolutamente exacto.

Finalmente, chegamos à parte crucial do nosso problema: O conhecimento histórico será absoluto? Relativo?

A resposta mais consequente é: Não há verdades definitivas em história. A verdade histórica é parcial, frágil e relativa.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta lição você aprendeu

O conhecimento é a expressão da realidade no cérebro humano. Produz-se através de um longo processo que compreende três fases, que são a fase do conhecimento concreto ou sensorial, a fase do conhecimento lógico ou abstracto e da compreensão e representação.

O conhecimento no geral e o conhecimento histórico em particular é sempre relativo e em constante aprofundamento.

Para sua auto avaliação responda as actividades que te propomos em seguida

Actividades



Actividades

1. *A produção do conhecimento é um processo longo envolvendo diferentes etapas.*
 - Distinga Conhecimento Sensorial do conhecimento lógico.
2. *O historiador (...) é um homem como qualquer outro e não pode libertar-se das suas características humanas (...)*
 - a) Relaciona o exposto acima com a relatividade do conhecimento histórico.

Guia de Correção

1. Enquanto o conhecimento sensorial resulta da retenção da imagem da realidade no cérebro através da memória, por isso é o reflexo directo dessa realidade, o conhecimento lógico resulta da elaboração a que as informações observadas e retidas na memória são sujeitas e por isso é abstracto.
2. O facto exposto acima é um dos factores da relatividade do conhecimento pois se cada pessoa tem as suas particularidades e destas não se pode dissociar, fica claro que cada historiador terá sempre algo que lhe diferencia dos outros.

Avaliação



Avaliação

1. Dê o sentido da expressão: “ a prática é a base do conhecimento”.
2. Todo o conhecimento é relativo é relativo; o conhecimento histórico é mais relativo ainda.
 - Explique em que medida a problemática das fontes concorre para a relatividade do conhecimento histórico.

Soluções

Lição 1

1. Tempo e espaço são as dimensões essenciais da história porque a noção de história pressupõe sempre uma referência ao tempo e ao espaço.
2. Enquanto as cosmogonias são os registos das primeiras tentativas, de explicação do universo, incluindo tanto elementos naturais como sobrenaturais, as mitografias são narrações de factos com recurso a seres sobrenaturais.

Lição 2

1. Enquanto a historiografia oriental tem como objectivo de estudo os deuses e os grandes homens e limita-se à compilação da tradição sem qualquer tipo de análise crítica, a historiografia greco-romana tem um carácter científico debruçando-se sobre o homem e baseando-se na recolha e análise crítica dos factos.
2. De acordo com o extracto pode-se ver que Heródoto faz um inquérito, sobre as acções dos homens de todos os homens e procura as causas dos fenómenos. Portanto Heródoto é defensor de uma História Humanista, universalista, baseada na análise crítica e na explicação dos factos.

Lição 3

1. Segundo o cristianismo a história é um combate constante entre o bem e o mal e a sua trajectória, irreversível que começa com o *pecado original*, e termina com o *juízo final*
 2. a)
 3. a)

Lição 4

1. Esta ideia não é totalmente correcta porque mesmo aceitando que na idade média a história retrocedeu no que concerne ao objecto de



estudo e a metodologia da história também é um facto que houve avanços pois foi nesta época que surgiu a primeira filosofia da história que defende o papel da providência como motor da História; surgiu igualmente a ideia de evolução contínua e irreversível.

2. A historiografia palaciana é uma história de iniciativa régia ou senhorial, produzida nas cortes reais ou senhoriais por cronistas ao serviço dos senhores ou dos príncipes e sob encomenda destes.

Lição 5

1. Sob influência do renascimento surgiu uma nova história, humanista, que reduz o papel de Deus e em que o homem vai-se sentindo cada vez mais o construtor e responsável do processo histórico.
2. a)
3. b)
4. b)

Lição 6

1. Voltaire era um defensor de uma história humana, ou total, que procurava abarcar todos os aspectos da evolução da sociedade.
2. d)
3. c)
4. c)

Lição 7

1. As características do romantismo (escolher três)
 - Liberdade política;
 - Nacionalismo/patriotismo;

- Arte e o progresso da imprensa;
 - Moral;
 - Exaltação do excepcional;
 - Defesa da natureza;
 - Defesa da sensibilidade e imaginação
2. Durante a época do romantismo a investigação histórica alargou-se, passando a considerar o passado em particular a Idade Média o fulcro das atenções. Pela via do gosto pelo passado, desenvolve-se a ideia de mudança e progresso histórico
 3. a)

Lição 8

- | | | |
|--------|-------|-------|
| 1.a) | 2. C) | 3. C) |
| 4.. A) | 5. D) | |

Lição 9

1. As propostas dos annales para a História eram:
 - A luta contra a historiografia positivista tradicional
 - Alargamento do território do historiador
 - Alargamento do campo do documento –
 - Revalorização do papel activo do historiador
 - A História – problema
4. A interdisciplinaridade é o contacto entre as ciências e reveste-se de grande importância na medida em que permite à História debruçar-se sobre todos os aspectos ligados a vida da humanidade. Assim, e só assim, pode ser de facto total e global.



Lição 10

1. A corrente progressista reveste-se de maior sentido de científicas e objectividade na medida em que faz uma abordagem isenta de preconceitos, debruçando objectivamente sobre a evolução do continente antes, durante e após a dominação colonial do continente.

Lição 11

1. A exiguidade de fontes escritas faz com que esta fonte não seja privilegiada no estudo da história da África o que se reflecte em imprecisões na história da África.
2. Tendo em conta os problemas da historiografia africana em especial os decorrentes da exiguidade de fontes escritas os historiadores africanos são obrigados a recorrer a história analítica (história de campo que não depende apenas dos arquivos) em especial para o estudo da história colonial e pré-colonial.

Lição 12

1. A história pode fazer-se sem documentos escritos, se estes não existirem, recorrendo a outro tipo de fontes como as orais, arqueológicas ou audiovisuais.
 - a)

Lição 13

1. Enquanto a Sincronia consiste em verificar numa mesma época a conjugação dos diversos fenómenos sociais, económicos, políticos, mentais, etc., que dêem a compreensão dessa época, a Diacronia analisa a evolução dos fenómenos num período mais ou menos longo, numa perspectiva mais dinâmica.

2. É sempre importante inserir o estudo numa certa duração, para evitar cair na acronia ou ser tentado a aplicar a certas épocas históricas aquilo que só se verifica noutras.

Lição 14

1. A selecção das fontes é designada Heurística
2. Na fase da crítica interna
3. Geografia, Antropologia, Etnografia, Paleografia, Estatística e outras

Lição 15

1. A prática é a base do conhecimento porque pois é o conhecimento surge sob impulso das necessidades da vida prática e visa em última instância dar resposta a questões da vida prática, por isso se diz que a prática é a base do conhecimento.
2. O conhecimento histórico é sempre relativo em parte devido a problemática das fontes. O historiador alcança o passado através das fontes, mas como nem todas as fontes chegam até a ele por diferentes razões ele só trabalha com as fontes que lhe chegam às mãos e por isso só produz parte do conhecimento do passado, aquela que as fontes a que ele consegue aceder lhe permitem produzir

Teste Preparação de Final de Módulo 1

Este teste, querido estudante, serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA. **Então Reference source not found.**

1. Faça corresponder os números às letras de modo a obter as definições correctas de cada conceito

A. Conjunto de obras concernentes a um assunto histórico, produzidas numa determinada época ou local.	1. História
B. Aquilo com que se ocupa a ciência.	2. Mitografias
C. Registos das primeiras tentativas, pré científicas, de explicação do universo incluindo tanto elementos naturais como sobrenaturais.	3. Cosmogonias
D. Narrações de factos com recurso a seres sobrenaturais.	4. Historiografia
E. Conhecimento sistematizado sobre uma realidade concreta e com um objectivo bem definido.	5. Ciência
F. A pessoa que faz o estudo, ou seja, que produz o conhecimento.	6. Sujeito do conhecimento
G. A História é a ciência dos homens no tempo.	7. Objecto do conhecimento

2. Assinale com um ✓ a afirmação verdadeira
 - a) A História oriental antiga não é científica mas tem algum valor.
 - b) A História Oriental tem um grande valor científico
 - c) A História oriental nasceu com Heródoto, o “pai da História”.
 - d) A História oriental surgiu na Grécia antiga.
3. Assinale com um ✓ as primeiras formas de literatura histórica que se conhecem.
 - a) mitografias
 - b) cosmogonias
 - c) cosmogonias e mitografias
 - d) História oriental
4. Tendo sido no oriente antigo que surgiram as primeiras formas de literatura histórica considera-se que a história surgiu na Grécia porque:
 - a) A Grécia fica no Oriente
 - b) Foi na Grécia Clássica que iniciou a tentativa de fazer uma história científica

- c) Heródoto nasceu no Oriente antigo
- d) A Grécia é a terra de Tucídides

5. Assinale com um ✓ as particularidades da historiografia romana.

- a) Humanismo
- b) Recurso aos moldes e língua grega
- c) Ligação ao passado
- d) Carácter político

Complete a frase seguinte usando as palavras ou expressões que propomos:

- Burguesa
- Desígnios de Deus
- Cronicões
- Instituição
- Cristã
- Apologética
- Compilação
- Palaciana
- História
- Apocalíptica
- Verdade

Na Idade Média surgiu a historiografia a) _____ que defende que toda a acção humana é movida pelos
 b) _____ e por isso a sabedoria da
 c) _____ é a Sabedoria Divina. É uma História Universalista, repetitiva e cíclica, d) _____ pois defende um fim bem definido e e) _____ na medida em que prevê o fim do mundo. Os géneros predominantes são os anais e os f) _____. Na última fase do período medieval, em particular na segunda metade do século XIV surgiu a historiografia g) _____, em geral, mais preocupada em apresentar a imagem mais conveniente à h) _____ servida pelo cronista do que com a i) _____. Por outro lado inicia a produção de uma história j) _____ que se debruça sobre a cidade. A nível metodológico, os cronistas do século XIV começam aliá-la k) _____ com o inquérito no terreno.



6. Foi do cristianismo a primeira filosofia de História, sendo seu autor:
 - a) Santo Agostinho
 - b) Cassiodoro
 - c) Sozômeno
 - d) Paulo Orósio
7. Mencione quatro formas sob as quais se apresenta a Literatura histórica cristã.
8. A crítica filológica foi introduzida por:
 - a) Lorenzo Valla
 - b) Nicolau Maquiavel
 - c) Jean Bodin
 - d) Voltaire
9. A filologia humanística consiste.
 - a) Numa nova concepção de Estado (temporal, soberano, independente da igreja, centralizado e único).
 - b) Comparação de estilos documentais, êrros de tradução, etc.
 - c) Defende as ciências devem ser renovadas e colocadas ao serviço do progresso da humanidade através das leis da natureza.
 - d) Defende que a história deve ser uma espécie de tábua da verdade e dos acontecimentos; e quem a ela se dedica não deve começar pela história de Deus, mas pela dos homens.
 - e) Defende a independência do historiador perante as autoridades e a responsabilidade do historiador perante o povo, que ele considera o verdadeiro o motor da história.
10. Reflectindo as transformações mentais da época do renascimento, também o conceito de História se modificou.
 - c) Analise o contributo de Jean Bodin para a evolução da História na época do Renascimento.

11. Leia com atenção o extracto a baixo.

A História da Europa tornou-se um imenso processo de contratos de casamentos, de genealogias e de títulos disputados que espalham por toda a parte tanta obscuridade quanta secura e que fazem passar despercebidos os grandes acontecimentos, o conhecimento das leis e dos costumes, objectos bem mais dignos de atenção(...). Eu queria descobrir qual era a sociedade dos homens, como se vivia no interior das famílias, que artes eram cultivadas, em vez de repetir tantas desgraças e tantos combates(...).

- A ideia expressa no extracto pertence a:
 - a. Voltaire
 - b. Rousseau
 - c. Montesquieu
 - d. Condorcet
- A proposta historiográfica do autor é de:
 - a) Uma história que dá o merecido destaque a história dos grandes homens
 - b) Uma história que privilegia os assuntos políticos
 - c) Uma história que estuda a sociedade como um todo
 - d) Que estuda os grandes acontecimentos

12. O método científico foi trazido para a História por:

- e. François Guizot
- f. Jules Michelet
- g. Fustel de Coulanges
- h. Hipolite Taine

13. "A história não é uma arte, é ciência pura" esta é uma posição positivista defendida por:

- i. François Guizot
- j. Jules Michelet
- k. Fustel de Coulanges
- l. Hipolite Taine

14. Preste atenção aos extractos seguintes

“ os factos falam por si”; “os factos devem vibrar na mente do historiador”.

- A que corrente historiográfica está ligada cada um dos dois extractos acima transcritos?

15. Assinale com um **X** três dos factores que estiveram na origem da crise da história no início do século XX.

- b) A crítica feita por novas correntes historiográficas à História tradicional
- c) A perda do estatuto de ciência privilegiada de que a História gozava
- d) A indefinição da História quanto ao seu conteúdo específico, a sua função e métodos.
- e) A emergência das ciências humanas e sociais
- f) O surgimento de novas correntes de pensamento, como os estudos filosóficos e o Estruturalismo



16. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas.
- a) A ideia de que a História nova não tinha originalidade, nem objectividade foi expressa por Fernand Braudel.
 - b) Braudel notabilizou-se como historiador pela autoria de uma nova de tempo histórico que defende a dimensão tripla deste-
 - c) No século XX a ideia de uma História ressurgiu graças ao contributo dos annales entre 1946 e 58.
 - d) A ideia de uma história interdisciplinar surgiu na História graças aos contributos de Marc Bloch e LucienFebvreActividades
17. Assinale com um x a afirmação verdadeira. Tempo e espaço são as dimensões principais da história porque:
- a) A História estuda a vida dos homens e suas realizações ao longo dos tempos
 - b) A História é a ciência que estuda os homens no tempo e no espaço.
 - c) O tempo é o espaço imaginário no qual ocorrem os factos
 - d) Todos os acontecimentos têm expressão espacial.
18. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas
- a) Heurística é um procedimento que consiste na crítica aos documentos para verificar em que medida os factos recolhidos respondem as questões colocadas
 - b) Heurística é a selecção ou procura das fontes
 - c) A Heurística tem por finalidade apurar a proveniência e autenticidade das fontes
 - d) Mais do que uma operação mecânica, a Heurística é uma acção intelectual visando fazer surgir as fontes.
19. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas
- a) A hermenêutica faz parte da crítica externa
 - b) A hermenêutica é a selecção ou procura das fontes
 - c) Hermenêutica é um procedimento que consiste na crítica aos documentos para verificar em que medida os factos recolhidos respondem as questões colocadas
 - d) A hermenêutica é uma das componentes da heurística
20. Assinale com um x a afirmação verdadeira
- Análise e Síntese são procedimentos diferentes na medida em que:
- e) Enquanto na análise o historiador faz a recolha e verificação das informações no sentido de apurar sua autenticidade e

credibilidade, na síntese interpretam-se os factos recolhidos procurando dar-lhes um sentido.

- f) Embora consistindo das mesmas operações realizam-se em momentos de estudo diferentes.
- g) Análise é feita pelo historiador e a síntese pelo sociólogo.
- e) a), b) e c) não são verdadeiras

Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter a correspondência correcta entre os métodos e respectiva definição

1. Heurística	1. Verifica se a fonte chegou ao historiador sem ter sofrido mutilações ou deturpação do seu conteúdo. Se o documento é autêntico ou não.
	B. Interpreta os documentos com o fim de saber em que medida é que a informação fornecida responde à questões colocadas inicialmente.
2. Hermenéutica 3. Crítica externa 4. Crítica interna	C. Procurar verificar a sinceridade, competência e exactidão do documento. D. Procura de documentos, E. Tenta encontrar respostas às perguntas: quem redigiu o documento? Quando? Onde? como? Como é que o documento chegou até nós.